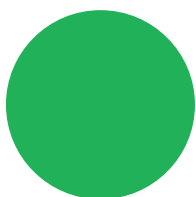


gazeta Valsassina

Março 2010 . n 43



A escola como um ecossistema social



índice

FICHA TÉCNICA

Fundadores **Frederico Valsassina Heitor**
Maria Alda Soares Silva e seus Alunos
Director **João Valsassina Heitor**
Director Editorial **João Gomes**
Revisão **Maria Valsassina**
Projecto Gráfico e Paginação **Sandra Afonso**
Impressão **LouresGráfica**
Propriedade **Colégio Valsassina**
Tiragem **1700 exemplares**

Colégio Valsassina
Quinta das Teresinhas 1959-010 Lisboa
218 310 900
218 370 304 fax
geral@cvalsassina.pt
www.cvalsassina.pt

Editorial	1
Cuidar do futuro. Estamos cada vez mais preocupados com o nosso planeta	2
A escola como ecossistema humano e social	4
A turma como ecossistema social	6
Tudo para ser uma pessoa feliz	7
A escola como ecossistema? A perspectiva de um aluno	8
A sala de aula como ecossistema social	9
Pessoas felizes precisam-se	10
As múltiplas inteligências na educação: um desafio global	11
A escola, ecossistema da sociedade	13
Os valores humanos, uma demanda intemporal	14
Reflexões sobre o lançamento do livro “O Não Também Ajuda a Crescer”	16
A maior flor do mundo	18
Semana da geografia 2010	20
Palestras sobre o voluntariado em África	21
Relatório sobre o filme “O fiel jardineiro”	22
O lugar do centro de recursos educativos na organização escolar	23
O que dizem os macroinvertebrados da poluição do rio Tejo	24
Evolução da Resistência de Escherichia coli à Ampicilina?	25
Porque se ensina Matemática	26
A Matemática no jardim de infância	27
Biodiversidade e sustentabilidade a caminho de uma Low Carbon School	29
2010 Ano internacional da biodiversidade	30
Um aluno, uma árvore, um compromisso	32
Acção no parque natural de Sintra-Cascais	32
Plantas e bichos de Lisboa	33
A menina do mar	33
A informática numa educação para o desenvolvimento sustentável	34
Vídeo de sensibilização para as alterações climáticas. Projecto TWIST	35
Que fazer com os 100 anos da República?	36
A importância da preservação da identidade nacional	38
Educação plástica no 1º Ciclo	39
O desenho na arquitectura	40
A socialização através da música	42
Uma bela experiência para a vida	44
Um sorriso incontrolável	44
Colégio Valsassina identificado como uma das melhores Eco-Escolas 2009	45
Galardão rede climática menção honrosa 2009	45
Quadro de honra	46
This cannot be!	47
Entrevista a Mariza Nunes	48
Entrevista a Eduardo Ribeiro Pereira	50
Fórum de orientação profissional	52
A memória, a escola e a memorização	55
Colégio em acção	56
Aconteceu	58
Vai Acontecer...	63

editorial

João Valsassina Heitor Director

Dizia Epicuro em 371 a.c. “de todas as coisas que a SABEDORIA nos dá para nos permitir ter uma vida de total felicidade, a mais importante não é o dinheiro e os bens materiais. A mais importante é de longe ter uma AMIZADE, LIBERDADE e uma VIDA ANALISADA”, e adianta que “a ordem natural das nossas reais necessidades é: a Amizade, a Liberdade, e o Pensamento. Se tivermos tudo isto, e não tivermos dinheiro, nunca seremos infelizes”.

É interessante verificar como estas ideias são tão actuais. Num tempo em que os nossos jovens são constantemente atraídos para os bens materiais, em que a sociedade valoriza os que conseguem ter e ostentar mais “coisas” e em que muitos se preocupam mais em viver para vencer na vida e em ter mais “coisas” do que em orientar a vida em função de Valores e Princípios de respeito pelos outros e pelas suas diferenças.

Os valores da Amizade, da Liberdade e do Conhecimento estão bem presentes na identidade do nosso Colégio. Enquanto Comunidade Educativa e espaço de aprendizagem sempre se desenvolveu um espírito e ambiente familiar privilegiando a tolerância, o respeito pelo outro, as relações de amizade, como forma de socialização e de aprendizagem cooperativa, e o gosto pelo conhecimento, como forma de enriquecimento e de desenvolvimento das nossas capacidades intelectuais.

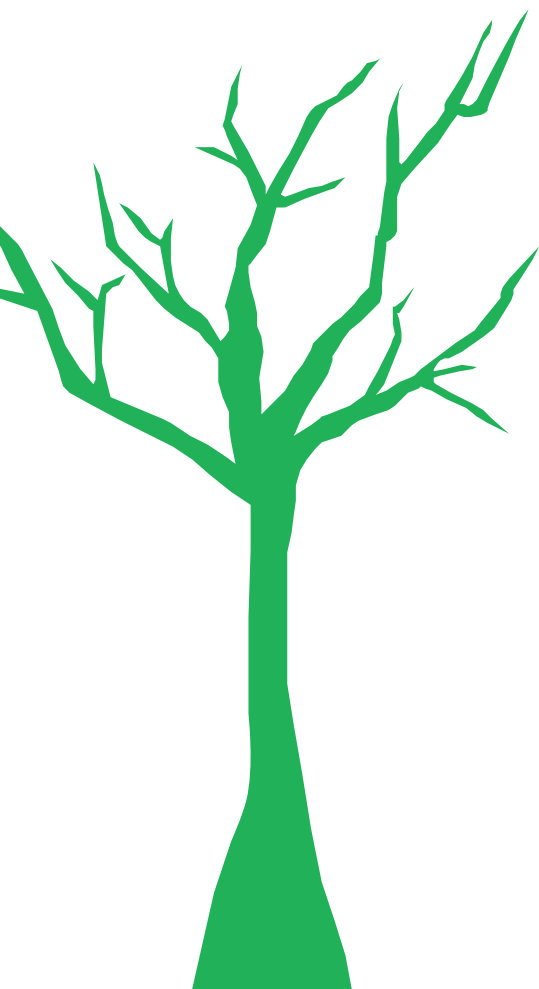
Como ecossistema com características muito especiais de constante interacção e mutação, interna e externa, entre os diversos actores com papéis e responsabilidades bem diferentes tais como alunos, Pais, Professores, Funcionários, haver uma acção positiva se a sua acção assentar em valores previamente definidos e aceites por todos. São esses valores que lhe dão equilíbrio e garantia de sucesso.

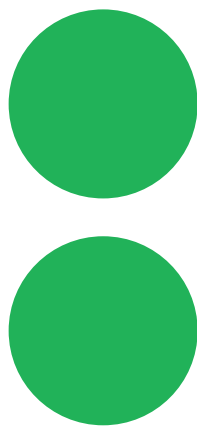
Nesta interacção tem especial relevo a relação Escola – Família. Tendo a escola um papel importante na formação dos nossos jovens, é importante realçar que cabe, em primeiro lugar, à Família a transmissão de valores. Se tal não acontecer, a acção da Escola nunca terá sucesso.

É com este espírito que ao longo do ano temos vindo a desenvolver conferências e debates com vários especialistas dirigidas aos Pais. Por outro lado, têm decorrido várias acções para os alunos nas quais são os pais a virem dar o seu testemunho pessoal e profissional. E ainda outras em que os Pais vêm participar nas aulas dos seus filhos. A criação de um espaço de comunicação aberto, franco e construtivo é essencial para atingirmos os nossos objectivos.

Todo o ecossistema tem de se renovar para subsistir entrando em ligação com o exterior e por isso gostava de dar um exemplo da importância de criarmos nos nossos alunos o gosto pelo Novo Conhecimento. Trata-se do ciclo de conferências para os alunos do secundário com a presença de cientistas e empreendedores portugueses de reconhecido mérito, como são o caso, dos Professores João Caraça, Elvira Fortunato e Sobrinho Simões que será o último conferencista no próximo mês de Abril.

Se, em conjunto, conseguirmos fazer passar a mensagem de que, na sociedade actual e futura, o Ser é e será mais importante que o Ter, no seguimento do que dizia Epicuro, a nossa acção será positiva e os nossos jovens terão uma formação mais completa e serão mais felizes.





em destaque

**Queremos deixar
um planeta com
futuro para os
nossos filhos.**

Cuidar do futuro. Estamos cada vez mais preocupados com o nosso planeta

Isabel Raposo Bióloga Técnica de Educação Ambiental

Todos os dias nos chegam notícias que nos deixam confusos ou alarmados: catástrofes naturais impiedosas que destroem vidas e haveres; epidemias que alastram rapidamente e nos mostram quão vulneráveis nos tornámos; recursos naturais que se esgotam deixando antever lutas violentas pela posse dos que ainda restam e cuja repartição nunca é justa nem equilibrada; e alterações profundas na qualidade do ambiente, quase sempre provocadas pelas nossas acções ou interesses, mas cujas consequências nem sempre somos capazes de prever. Tantas mensagens de alerta que devíamos ser capazes de entender!

E preocupamo-nos naturalmente com o futuro dos nossos descendentes. Que Mundo lhes iremos deixar? Como poderão vir a ser felizes se os cenários que antevemos para os tempos vindouros se afiguram tão dramáticos e desanimadores?

Muitas foram as vozes que já ouvimos dizendo-nos que a Terra não nos pertence, apenas a pedimos emprestada às gerações futuras. Estarão essas gerações, que hoje se encontram sob a nossa responsabilidade, a ser preparadas para esse futuro problemático? E estarão a ser adequadamente motivadas para enfrentar desafios que agora nem sabemos imaginar?

Mostramos-lhes a realidade actual, quantas vezes dura e deprimente, tão desencorajadora para quem deveria ainda perseguir sonhos e acreditar em fantasias. Inundamos as suas vidas com tecnologia atraente e variada, fazendo-lhes crer que será o instrumento ideal para resolver todos os problemas e remediar todos os males. Transmitimos-lhes exclusivamente os nossos interesses, moldando-os conforme podemos para que creiam neles e lhes dêem continuidade. Serão estas as melhores ferramentas para enfrentar o futuro?

Foram muitos os saberes e normas em que acreditámos e que descartámos rapidamente porque, afinal, se revelaram incorrectos, ineficientes ou irrelevantes. A rápida evolução da humanidade tornou-os inúteis. O conhecimento que vamos adquirindo do mundo à nossa volta renova e actualiza-se a cada momento. Teremos então de reflectir sobre a forma como preparamos para a vida os jovens de hoje.

É fundamental que estejam despertos para identificar e compreender um mundo em permanente mudança. É indispensável que conheçam os meios e os modos de procurar e aplicar as melhores soluções para os problemas com que se irão deparar. Deverão adquirir as competências que lhes permitam confiar em si próprios e nos outros sempre que seja necessário actuar. Terão de saber escolher, tomar decisões e assumir responsabilidades, formando opiniões próprias e esclarecidas e fundamentando as críticas às ideias e atitudes diferentes das suas.

E, sobretudo, é essencial que tenham coragem para agir, para corresponder às necessidades de sobrevivência que serão não apenas suas mas de todos, para assumir o “grande princípio da solidariedade” com todos os seres que então partilhem com eles este planeta, criando as condições para que muitas mais gerações futuras aqui possam habitar. Não fará isto parte da sustentabilidade?

Atingir estes objectivos como educadores é a nossa tarefa actual. Cada dia que passa temos um pouco menos de tempo. Acreditemos que ainda vamos conseguir.

Queremos deixar um planeta com futuro para os nossos filhos. Mas que filhos vamos deixar ao Planeta Terra?

Mas que filhos vamos deixar ao Planeta Terra?



em destaque **A escola como ecossistema humano e social**

João Gomes Coordenador Eco-Escolas e SEA-UNESCO

**“Curiosidade
criatividade
competência
e compaixão.”**

**Funcionários, Professores e Alunos partilham
experiências de aprendizagem**



Oikos é o termo grego que significa habitat. É dele que derivam os conceitos de ecologia e ecúmena (a terra habitada, concebida como Universo, Morin, 1980). Ecologia refere-se à ideia de “casa” ou “lugar onde se vive”, o qual deve incluir uma noção dinâmica de ecologia, compreendendo os sentidos de relação e a sua organização sistémica.

Neste contexto, torna-se clara a concepção de “Escola como Ecossistema Humano”. Bronfenbrenner (1987 *in* Sousa, 1998) sustenta que o desenvolvimento da pessoa ocorre em estruturas ou contextos, seriados e incluídos uns nos outros. Chama ao contexto imediato que contém a pessoa, o Microsistema, como a casa ou a aula. A outros contextos em que o sujeito participa activamente dá-lhes o nome de Mesossistema (a rua em relação à casa, ou a escola em relação à aula). Existe finalmente outros ecossistemas nos quais o sujeito não entra (pelo menos de uma forma geral), no entanto as decisões que se tomam em seu seio ou os “factos” que se produzem afectam e explicam muitas acções de um Mesossistema, são os Exossistemas ou Macrossistemas. Deste modo, uma conceptualização da escola como um Mesossistema do desenvolvimento humano envolve o Microsistema “aula”, cenário imediato de aprendizagem e socialização. Por sua vez, este é envolvido e condicionado por exossistemas, como a família, e macrossistemas, como o próprio sistema escolar.

A “Escola como Ecossistema” corresponde assim a um espaço físico e cultural em que se institucionaliza a educação. Nesse espaço confluem aspectos e caracteres próprios do “Ecossistema Humano e Social”, designadamente (Sousa, 1998):

- É uma comunidade humana;
- Os seus componentes e elementos são interdependentes;
- É uma organização na qual interactivam os membros entre si e com o ambiente interno e externo;
- Analisa a escola por uma perspectiva global, holística;
- É uma “unidade funcional básica” no espectro educativo;
- Apresenta um “padrão” de actividades, regras, relações interpessoais e intercâmbio de significados;
- Possui quatro elementos exigíveis a qualquer ecossistema humano: uma população, um ambiente/meio envolvente, uma tecnologia e um nível de relações organizadas.

Sobre a Educação, enquanto função social (corporizada na escola), recai grande parte da responsabilidade de “produzir cidadãos para uma sociedade aprendente”, isto é, desenvolvidos dos pontos de vista intelectual e social, e predispostos à confrontação com a mudança e a complexidade. Tal pressupõe, porém, que a escola ela própria saiba gerir e gerar mudanças.

Baez (1979) *in* Fernandes (1983), presidente do Comité da Educação da UNESCO, defendeu que, através da educação, se devem induzir na população quatro características fundamentais, «os quatro Cs»: curiosidade, criatividade, competência e compaixão.

Como disse um dia Ghandi (citado por Fernandes, 2001: p.157) “a educação não é uma finalidade, é um instrumento”. Neste contexto destacamos a Educação para o Desenvolvimento Sustentável (EDS). Esta tem por objectivo a formação geral e integral acrescentando à formação cognitiva a formação sócio-afectiva e moral, contribuindo para o desenvolvimento de um espírito de co-responsabilidade e de solidariedade fundamental para garantir uma gestão racional dos recursos naturais, o destino das gerações futuras e a sobrevivência da espécie humana (Filho, 1989; INAMB, 1990).

Desenvolver, progressivamente, uma consciência ambiental global básica que evolua no sentido do desenvolvimento de consciências mais específicas e especializadas constitui o desafio presente da EDS e a garantia da nossa própria sobrevivência (INAMB, 1990; Esteves, 1998). Não consistirá em aprender e admitir passivamente mas em compreender para agir. Acima de tudo, deve assumir-se como uma educação global que ajude a desenvolver uma personalidade equilibrada e completa, dotada de auto-estima, capacidade crítica e divertida (Cavagna, 1997).



em destaque **A turma como ecossistema social**

Maria da Luz Fernandes Coordenadora do 7º e 8º ano

“Somos biologicamente produtos da natureza, mas da sociedade somos humanamente produtos, produtores e, além disso, cúmplices...”

Fernando Savater

Integrar uma turma é, depois da família, a grande prova de socialização a que somos submetidos ainda muito jovens. É na família que a criança faz as primeiras aprendizagens fundamentais como falar, lavar-se, vestir-se, mas também partilhar, agir em grupo, ser recompensado e punido, distinguir o que está bem e o que está mal segundo as normas da comunidade a que pertence. Esta educação informal, a que os especialistas chamam “socialização primária”, é feita num meio onde predominam, quando este funciona de modo eficaz, os afectos e a segurança.

Quando se abandona, ainda que temporariamente, a zona de conforto familiar, inicia-se na escola, no grupo de amigos, e mais tarde no local de trabalho, outro tipo de socialização. Quanto melhor tiver sido a primeira, mais segura será esta socialização secundária.

A turma é assim um dos muitos grupos de que fazemos parte ao longo da vida. Ainda que partilhe as características comuns à definição de qualquer grupo, apresenta algumas particularidades que a distinguem, começando pela forma como é constituída (à margem da vontade dos seus membros), depois pela liderança que lhe é imposta (os professores não são objecto de escolha por parte do grupo-turma) e, por fim, pela natureza específica dos seus objectivos: a aprendizagem de um programa, com um sistema de avaliação e uma gestão temporal preestabelecidos. Vemo-nos, desta forma, integrados num grupo de pares que não escolhemos, que será liderado por alguém que não conhecemos e com objectivos que nos são impostos.

Cada elemento deste grupo emerge de comunidades marcadas por diferenças culturais, sociais e económicas mais ou menos evidentes; cada um tem um percurso de vida singular, tem o seu próprio ritmo de aprendizagem, os seus afectos e modelos e cada um tem ainda diferentes aspirações.

E é assim, que aos poucos se vão procurando referências, gostos comuns, revelando e escondendo, observando e sendo observado, formando pequenos grupos dentro do grupo para criar uma nova zona de conforto e equilíbrio à procura do seu espaço e, ao mesmo tempo, criando uma nova comunidade onde todos têm um papel: “o fanfarrão”, “o bode expiatório”, “o ingénuo”, “o engraçadinho”, “o instigador”, “o trabalhador”, “o solidário”, “o que estimula o grupo”, “o que ajuda”, entre tantos outros, e que conduz, nos extremos, ao “dar nas vistas” ou “apagar-se”. A pressão que o grupo exerce sobre cada um, condicionando o seu comportamento, tanto pode ser limitativa como positiva, dependendo das características de cada indivíduo: alguém inseguro está mais predisposto à submissão ao grupo, mas ninguém lhe é completamente imune. Uma maior coesão do grupo-turma leva a que se valorize o “nós” mais do que o “eu”. De facto, o poder do grupo é ainda maior quando é composto por pessoas de quem gostamos. As relações que se estabelecem dentro deste grupo estão em constante evolução, em colaboração agora, em competição depois, umas vezes melhorando os níveis de motivação outras vezes aumentando os sentimentos de ansiedade e distração. Este processo pressiona cada um condicionando o seu comportamento e o seu desempenho.



A eficácia desta relação decorre da interacção que os professores e os alunos conseguem estabelecer, uma vez que é a partir dessa interacção que se estabelecem as normas e os limites que vão determinar o clima vivido na sala de aula. Esta é uma das razões por que todas as turmas são diferentes e únicas; são ecossistemas sociais distintos. Professores e alunos influenciam-se mutuamente, a maioria das vezes sem terem consciência do facto. As mudanças que provocam podem ser subtis, ou muito marcantes e é por isso que cada nova relação pedagógica é também ela única e irrepetível.

Tudo para ser uma pessoa feliz

Luís Cássio Funcionário do colégio

Uma parte significativa do dia-a-dia de uma escola corresponde a algo que não é à partida visível. São as relações informais que os seus membros (pessoal docente e não docente, alunos, pais e encarregados de educação, outros representantes da comunidade) estabelecem entre si. Neste contexto, o papel dos funcionários representa um elo muito importante do ecossistema social que é a escola.

Fomos ao encontro de um representante dos funcionários. Ouvi-lo é escutar o quotidiano de muitos alunos e ex-alunos.

Quem escolheu esta profissão e lhe deu um verdadeiro sentido de responsabilidade tem tudo para ser uma pessoa feliz.

Saber dialogar com as crianças, ser respeitado e saber respeitar torna o nosso trabalho muito mais fácil de ser executado.

Há momentos em que a nossa tarefa se torna mais complicada. É nestas alturas que somos também pedagogos. Temos de saber dar a volta ao problema. Afinal a nossa função é muito mais que abrir portas e entregar os livros de ponto. Por exemplo, quando um aluno é “expulso” da sala por razões disciplinares recebe sempre uma “voz amiga” levando-o a reflectir sobre o assunto para que não se volte a repetir. Quando certas crianças vêm de casa algo perturbadas ou mesmo doentes encontram nos funcionários um suporte e uma ponte para que voltem no final do dia cheios de alegria.

No fundo, ver uma criança feliz e bem-disposta é o suficiente para nos deixar felizes.

Como é o dia-a-dia na escola? Numa palavra, existe entre nós (funcionários) e os alunos uma grande AMIZADE.



em destaque

É necessário que os alunos se esforcem e que assumam as suas responsabilidades.

Alunos de vários níveis colaboram em projectos comuns.



A escola como ecossistema? A perspectiva de um aluno

Um ecossistema designa o conjunto formado por comunidades de seres vivos e o ambiente, funcionando como um todo e em constante interacção. Assim sendo, podemos estabelecer alguns paralelos com uma escola: diferentes comunidades (alunos, professores e funcionários) em interacção, constituindo um todo – a própria escola.

Apesar de o aluno ser o centro da aprendizagem, e desta depender principalmente dele, é a colaboração entre aluno e escola que leva à formação e à aprendizagem, processos que exigem responsabilização e empenho tanto de professores como de alunos, a união de esforços para o mesmo objectivo: preparar os alunos para a vida, com competências científicas e também sociais, para que sejam competentes na sociedade. E, para isto, é necessário que os alunos se esforcem e que assumam as suas responsabilidades, mas também que a escola procure encontrar estratégias que motivem o aluno, sem nunca colocar de parte a qualidade da aprendizagem. Esta cooperação leva-nos, de novo, à imagem do ecossistema, em que diferentes comunidades interagem e trabalham para o mesmo fim, com proveito mútuo.

Tal como num ecossistema, uma perturbação no equilíbrio influencia todos os envolvidos: se um aluno não corresponder ao trabalho de um professor, por muito bom que ele seja, ou se um professor não conseguir ajudar um aluno, por mais que este se esforce, nada feito. O esforço mútuo é que leva ao objectivo comum, a formação do aluno, um todo que é composto por duas partes, aluno e professor, sendo cada uma delas essencial e havendo uma relação de interdependência entre elas, relações também comuns nos ecossistemas.

João Sousa 12º1B

A divisão de tarefas é muitas vezes assumida entre alunos e professores



Que problemas devemos debater?

A sala de aula como ecossistema social

Benedita Sarmiento Coordenadora de Área de Projecto e professora de História

É o início de um novo projecto.

Procura-se um tema: Este ano o que se comemora? Que temas são pertinentes neste momento? Que problemas devemos debater?

Surge uma ideia... este ano comemora-se os Cem anos da República em Portugal. É o pretexto. O que é a República? Quais os seus valores? Terão sido sempre os mesmos? Porque é implantada? É a vontade de uma Nação? Ou a vontade de alguns? Foram cumpridos os seus objectivos?

Muitas questões se levantam. Afinal, o que conhecem os nossos alunos sobre este tema? De que forma podemos contribuir para que eles se tornem mais capazes para assumirem o seu papel na construção de um futuro que rapidamente se torna presente?

É assim que nasce um projecto.

A ideia é apresentada à turma: – Este ano vamos trabalhar o tema “100 Anos de República” e dá-lo a conhecer à escola e à família. Que projecto vamos desenvolver? Como vamos apresentar as nossas pesquisas e dar a conhecer este período?

Inicia-se o debate. Cada um diz a sua opinião. Surgem ideias, nem sempre conciliáveis, nem sempre fáceis de pôr em prática, umas mais criativas, outras mais banais... Cada um defende a sua, ou aquela que lhe parece melhor. Debatem-se prós e contras, tenta-se convencer os outros... e assim se vai delineando o projecto, com acordos, com cedências... exactamente com na vida real.

Definem-se objectivos, desenham-se os contornos do produto final a apresentar, distribuem-se tarefas, marcam-se prazos – é a fase da planificação do projecto.

Depois, põem-se mãos à obra: uns fazem isto, outros fazem aquilo, cada elemento tem o seu papel e sabe que o sucesso do projecto final depende do sucesso de cada um, da sua intervenção responsável, do cumprimento da sua tarefa no prazo previsto e com a qualidade necessária. Surgem problemas que se procura resolver da melhor maneira. Partilham-se experiências: eu aprendi isto, tu aprendeste aquilo. O empenhamento de uns contagia os outros. O trabalho começa na aula, mas leva-se para casa. Envolve-se a família e os amigos. Ultrapassam-se momentos de desânimo... o projecto vai tomando forma. Cresce o nervosismo e a excitação à medida que se aproxima a data da apresentação: mas o processo é tanto mais compensador quanto maior for o nosso empenho.

É sempre assim que funciona.

Esta é, afinal, a forma como cada um de nós aprende a viver em sociedade, participando com as nossas capacidades para um projecto comum que é a construção de um mundo melhor.



Pessoas felizes precisam-se

Patrícia Reis Escritora

“O mundo talvez não precise de mais um engenheiro civil, talvez não precise de mais um jornalista, mas de pessoas com ideias e felizes precisará sempre.”



Qual é o papel actual da escola? Que relação escola-sociedade? Que factores interferem e/ou interagem nos processos educativos... Apresentamos a visão de três encarregados de educação.

A escola é uma fase da vida de cada um de nós com poder suficiente para deixar cicatrizes, impressões, memórias e até cheiros. Lembro-me, em particular, do aroma dos bolos de chocolate que se faziam na cozinha da escola que frequentei. Era um perfume inquietante que nos levava a correr para fora da aula quando, por fim, o sino tocava. As recordações que guardo, confesso, talvez não sejam as melhores, por razões distintas, sendo que uma se destaca ainda hoje e me atormenta: nessa altura, como hoje, a primazia da matemática vingava e eu era – e sou – incapaz de assimilar a lógica, a ideia de jogo infinito com os números. As artes e a criatividade eram purgadas do nosso sistema. Que interessava ter um corpo para dançar se tinha responder, rápida, ao cálculo mental? Que importava querer encenar uma peça de teatro escrita por nós, alunos, se o que contava era a conjugação verbal?

A escola exige afinho e trabalho. É um emprego. Tem algumas vantagens face ao mercado profissional que, posso calcular, serão enumeradas amiúde pelos pais dos diferentes alunos. Eu fui uma privilegiada por ter crescido com um tio-avô que era pintor. Um artista, dizia-se então e, hoje, a denominação regressa porque um pintor pode, se quiser, fazer vídeos, performances, instalações. Era um dos homens mais inventivos do mundo. Ainda acredito nesta verdade que me salvou a infância e adolescência. Dois e dois são quatro, mas se os dois forem um casal e esperarem um bebé, quantos são? Cinco! Resposta certa. Estas e outras formas de abordagem ao sistema de ensino levaram-me a explorar muitas outras coisas. Queres saber de geometria? Pois vamos à procura de Picasso, dizia o meu tio. Queres entender como é que chegámos aqui e como construímos máquinas fotográficas e o que é a ilusão óptica? Procuremos na História, desencanemos Leonardo da Vinci, passemos pelos irmãos Lumière e talvez nos possamos perder numa aventura sem fim. Como podem ver, a minha infância e adolescência foi rica e diferenciada. Nada era impossível. O meu tio-avô fez tudo para que eu me integrasse e fosse uma mais-valia na escola. Dizia ele que os amigos são a nossa casa e que é na escola que começamos os alicerces que nos servem para a vida. Acreditava, como eu, que a amizade é o sentimento mais transfigurador e poderoso que podemos alcançar. Na escola, felizmente, podemos encontrar muitas vigas mestras para a construção da casa, mesmo que, por vezes, haja pequenos abalos, terramotos inesperados. O espaço onde corremos e aprendemos é como uma pequena comunidade, tem regras, defeitos e virtudes. Há sempre coisas que não entendemos. Mesmo depois de crescidos. E outras ainda que nos espantam. Pessoalmente, surpreende-me que depois destes anos todos de progresso tecnológico e científico, tendo chegado a uma época em que há o maior número de pessoas com ensino que alguma vez existiu na História do Homem, ainda estejamos tão pouco vocacionados para deixar que as nossas crianças gozem a imaginação, a criatividade, as artes que estão sempre no fim do poço do sistema educativo. Hoje, os meus filhos querem saber como é que vão ganhar dinheiro no futuro.

As múltiplas inteligências na educação: um desafio global

Ricardo Fortes da Costa
Empresário, Gestor e Professor
convidado na Universidade Católica

Os pais são uma peça-chave da equação, devendo assegurar a articulação com a escola no acto de educar.

Eu queria ser escritora, sabendo de antemão que isso não me traria estabilidade ou garantia. Eu queria ser feliz. Os meus filhos querem um curso que lhes dê um emprego. Serão eles, mais tarde, felizes? Terá a escola, como ecossistema social capacidade para encarar esta nova era do mundo que se começa a desenhar tão rapidamente? Ser optimista, encarar a vida de forma construtiva não se ensina nas escolas. É pena. Hoje, mais do que nunca, será o optimismo que pode beneficiar as novas gerações. Em Inglaterra, recentemente, um estudo optou por definir a geração dos 16 a 25 anos como a “geração perdida”. Sou optimista, já o disse, porém creio ser fundamental que a escola compreenda que terá de mudar radicalmente a forma como estrutura o sistema de ensino. Uma boa média para entrar numa universidade já não chega. Porquê? Porque uma licenciatura é agora o equivalente ao antigo sétimo ano e os empregos não abundam. Estamos a desenvolver estruturas no sistema educativo para alterar o estado das coisas? Para dar esperança às novas gerações? Para os deixarmos ser quem querem ser, independentemente do dinheiro que possam, ou não, ganhar? Duvido. Tenho apenas esperança. O mundo talvez não precise de mais um engenheiro civil, talvez não precise de mais um jornalista, mas de pessoas com ideias e felizes precisará sempre.

O contexto em que vivemos actualmente é de mudança permanente, em todos os domínios da sociedade. Em todo o tipo de organizações houve que aprender a lidar com cenários em que, constantemente, as nossas premissas e convicções são questionadas por uma evolução cada vez mais permanente. Este constante devir, fruto de uma evolução tecnológica acelerada e de uma crescente abertura de mercados, conduz-nos a uma sociedade cada vez mais globalizada, em que tudo o que se passa no mundo nos pode potencialmente afectar. As sociedades, as organizações e mesmo os cidadãos têm de passar a funcionar à escala “glocal”, lidando necessariamente com as exigências da incerteza e da multi-culturalidade (Zheng & Kleiner, 2001). Perante este quadro de permanente mudança e, consequentemente, elevada competitividade, as organizações, mas também as pessoas, têm necessidade de se superarem permanentemente. Já não basta responder rapidamente às exigências do meio envolvente: é imperativo que antecipem as exigências e necessidades do futuro, às quais deverão responder de forma inovadora e surpreendente.

Considerando que fazer dos nossos filhos pessoas melhores é a missão mais relevante que temos enquanto seres humanos, muitos de nós dão por si perante uma enorme angústia: como cumprir este propósito da melhor forma?

A tendência para um ensino tendencialmente universal e a pressão para uma vida profissional cada vez mais preenchida, leva-nos muitas vezes a acomodar-nos em premissas falsas, mas psicologicamente confortáveis. Uma delas é a de que a missão de educar os nossos filhos compete à escola (pelo que se escolhermos uma boa escola podemos suspirar de alívio e esperar pelos resultados, libertando tempo para outras obrigações). Outra é a de que a educação para os tempos modernos apenas exige elevada competitividade, um plano curricular completo, variado e exigente (em que as crianças são pressionadas para a excelência em todos os domínios e de sol a sol).

Estes dois pressupostos são falsos: 1) educar é uma missão partilhada entre vários agentes educativos, sendo que os pais são uma peça-chave da equação, devendo assegurar a articulação com a escola no acto de educar e não cedendo a qualquer “economia de atenção” neste domínio;

2) a preparação para um futuro incerto e competitivo não se consegue através de um aumento do volume de actividades curriculares e extra-curriculares, sob pena de estarmos a criar “futuros executivos stressados e frustrados”, em vez de pessoas equilibradas e preparadas para os verdadeiros desafios que enfrentarão.

E como podem os agentes educativos preparar melhor as nossas crianças para o futuro? De muitas formas, mas focaremos aqui apenas uma delas: a forma como desenvolvemos as múltiplas inteligências que (todos) nós temos.

Habitualmente, o contexto escolar centra-se no desenvolvimento da chamada “inteligência clássica”, também conhecida por inteligência analítica ou académica, medida tradicionalmente pelos teste de Quociente de Inteligência (QI). Todavia, este tipo de inteligência, certamente relevante, tem por característica permitir-nos resolver problemas bem definidos, sobre os quais temos toda a informação necessária e para o qual só há uma resposta certa (tipicamente os problemas que aprendemos a resolver na escola). Ora sucede que fora do contexto escolar as coisas são por vezes diferentes: muitas vezes os problemas com que nos deparamos não têm uma formulação precisa, a informação disponível é apenas parcial (ou “digitalmente excessiva”) e o problema muitas vezes tem mais do que uma resposta certa!

E é para este novo paradigma que a educação formal (escola) e informal (pais) têm de estar preparados. Como? Sabendo estimular os outros dois tipos de inteligência (Sternberg, 2003) que os nossos filhos necessitam de treinar:

a) a “inteligência criativa”, ou seja, a capacidade de encontrar respostas novas para os problemas e a capacidade de identificar novos problemas para resolver (e isto, mais do que usar as capacidades declarativas, implica treinar as capacidades interrogativas, ou seja, a capacidade de observar, ter juízo crítico e fazer boas perguntas!);

b) a “inteligência prática”, ou seja, a capacidade de mobilizar recursos e vontades para colocar em prática uma solução para determinado problema (o que exige boa gestão emocional, resiliência, iniciativa e competências sociais). Significa isto que estudar é insuficiente? Sim. É preciso saber estudar em grupo, produzir colectivamente, ter espaço para pensar e experimentar e tolerar a frustração e a diferença. É preciso conviver e brincar também, e tudo isto com professores e pais. Sobre estas novas formas de educar falaremos oportunamente.



A escola, ecossistema da sociedade

Maria da Glória Dias MD

O aluno de hoje tem que acreditar no homem de amanhã.

A escola. Primeiro grupo social com o qual o jovem Sebastião é confrontado, representa uma mãe que lhe irá saciar a fome do Saber. Alegria e saudade sentidas apenas com dezassete anos de idade, mas com uma maturidade induzida pelo sofrimento de conhecer, desde os catorze, os condicionamentos impostos por uma doença para a qual não se conhece a cura. A um ano do ingresso na Faculdade de Letras de Lisboa, já recorda com saudade a criança e a alegria que a vida de então lhe proporcionou. Escola-família, unidade em que cresce, representa a importância da família como integração da educação escolar.

Na escola as crianças sentem-se tanto mais felizes e capazes de absorver conhecimentos, quanto maior for a capacidade do professor para observar a família. Mas quando aquele considera, para além da família, a cidade e a nação, maior é a segurança que as crianças sentem na escola. Porque o professor é um elo desta cadeia, tem que educar o homem promovendo a capacidade de integração de todos os grupos socio-humanos representados na sociedade. O “claro dia” a que Sebastião alude é fruto da capacidade do professor para transferir a superioridade da sua orientação espiritual para as consciências dos alunos, estando desta forma, a interagir com o mundo. Nesta perspectiva, qualquer que seja a profissão futura, é imprescindível assegurar aos jovens o máximo de valores humanos. Esta certeza foi fulcral em Sebastião da Gama, homem e professor. Foi em torno desta verdade que os seus discípulos aprenderam a Vida. “O segredo é amar...” consagrou-lhe o lugar que ocupa em todos aqueles que foram bafejados pela sorte de com ele terem privado.

Sebastião integrou em todos os seus actos um triângulo em cujos vértices figuraram a Honestidade, a Independência, o Respeito à Arte e à Vida. Desta maneira foi homem, artista, pedagogo, ecologista (ainda antes de se falar na ecologia!). Soube, como ninguém, ouvir o outro, quem quer que ele fosse. Deu-se aos outros. Esta dádiva, base humanizadora, é a ferramenta com a qual o homem de amanhã se integra harmoniosamente na sua sociedade. Será fonte de crer num mundo melhor onde o outro é tratado com a maior humanidade e respeito. O aluno de hoje tem que acreditar no homem de amanhã. A crença positiva no futuro é, segundo Sampaio, essencial a todas as gerações.

A cultura humana que se exige ao professor, decorrendo necessariamente da sua boa preparação, é, pois, o caminho. “Para ser professor, também é preciso ter as mãos purificadas. A toda a hora temos que tocar em flores”. “O que eu quero, principalmente, é que vivam felizes”. Frases do seu Diário.

Todas as reflexões que fiz, conduzem-nos a crer que a experiência escolar se deve basear na convicção de que esta é um espaço de formação humana amplo e não apenas uma cadeia de transmissão de conteúdos destituídos de interesse.

Somos responsáveis pela sociedade em que vivemos e as nossas atitudes ajudam a construir um mundo melhor ou pior. Nesta medida, a escola não pode alienar os alunos e reduzi-los a receptores de conhecimento. A libertação autêntica, que é a humanização em processo, não é algo que se deposite nos homens. Não é uma palavra a mais, oca, mitificante. É praxis que implica a acção e a reflexão dos homens sobre o mundo no sentido de o transformar, em primeiro lugar, dentro de cada um de nós.



educar para os valores

“A escola é o lugar onde se erradica o egoísmo, onde se aprende a ouvir os outros e a pensar pela própria cabeça.”

Firelli

Os valores humanos: uma demanda intemporal

Felícia de Jesus Brandão Godinho Professora de Educação Moral

O que fundamenta os valores é este desafio permanente da felicidade como projecto essencial do ser humano. A dimensão valorativa da vida humana trata da possibilidade de se existir de acordo com as escolhas que fazemos. Tais princípios ajudam a viver com gosto, com autonomia e encaminham o homem na procura do amor.

A preocupação pelos valores humanos é tão antiga quanto o homem. Hamurábi, no séc. XVII a. C., fixou um código de regras para o povo da antiga Mesopotâmia, em caracteres cuneiformes acádicos. Princípios que regem a vida quotidiana de modo a salvaguardar a boa relação do homem com os outros homens e com o universo. Deste, surgiu o código mosaico israelita e outros que, sucessivamente, foram sendo interpretados e revalidados em outros códigos, como a carta dos Direitos Humanos. Nesta história dos valores não podemos esquecer o tratado da justiça em Platão (séc. V a. C) na obra a República e a Ética a Nicómaco, escrita por Aristóteles no séc. IV a.C.. A sua influência directa ou indirectamente determinou as estruturas com que ainda hoje pensamos o mundo.

Podemos dizer que aquilo que mais ocupa o pensar, o sentir e o agir humano é a vivência dos valores humanos. Os princípios valorativos regem as sociedades e norteiam as vidas humanas. O espaço onde se joga a vida humana é lugar dos valores e de pessoas valiosas. Parafraseando Almada Negreiros, todos nos encontramos nas duas alas da humanidade: a científica e a espiritual. Buscamos as nossas grandes verdades que condicionam e possibilitam a nossa história pessoal. O confronto será sempre um sem número de possibilidades de existência. O que está na raiz da opção é o quadro valorativo, aprendido e desenvolvido em diversas fases da vida. Fica assim fundamentado o quanto é importante que na fase da formação sejam transmitidos e trabalhados os grandes valores humanos. O Objectivo é sempre a construção de homens mais humanos e sociedades mais humanizadas. Um problema de socialização e humanização que está em jogo nas sociedades de sempre.

Ouvi algures uma frase de Firelli “A escola é o lugar onde se erradica o egoísmo, onde se aprende a ouvir os outros e a pensar pela própria cabeça”. Alunos que saibam pensar e pensar criticamente. Trata-se de educar para a assertividade numa dinâmica de discernimento contínuo entre o bem a fazer e o mal a evitar. Este é o desafio de sociedades humanizadas e libertas. De referir que é a partir da escola, como berço de humanização e socialização, que falamos. No entanto, o mesmo desafio deve ser tido em conta pelo berço familiar. A qualidade humana das relações que se estabelecem na comunidade educativa é já uma presença de liberdade e de verdade neste processo, ou seja, a concretização dos grandes valores que vão definindo o perfil e personalidade dos que estão em tempo de formação e que somos todos nós. Por isso, a escola é um território de fronteira onde se criam possibilidades de reflexão sobre as grandes questões da vida e do mundo.

Os valores são uma metáfora do coração e de uma luz inteligível que sela a vida informe dos homens.





Uma visão do inefável da vida; uma certa filosofia de vida que se estende a todo o pensar e agir. Daí que um dos desafios da educação, actualmente, devendo ao estado vertiginoso e breve em cada mudança, é dar ferramentas para interpretar a realidade e optar num mar de inseguranças de um futuro incerto.

Toda a educação deve centrar-se num desenvolvimento integral: o plano imanente e o plano transcendente da experiência humana. O que queremos dizer é que todos necessitamos de uma visão contextualizada com um sentido cósmico, ecológico, intelectual e transcendental, porque todos nos perguntamos pelo sentido da existência da vida e acalentamos o elixir da eternidade.

Educar para um ser de liberdade entre liberdades. Uma autonomia de consciência de si próprio face ao outro e ao mundo é uma competência de educadores e educandos. Uma tarefa da qual ninguém se pode demitir. A sempre eterna crise de valores tornar-se-á mais suave quando todos resolvermos não abdicar do cargo que a sociedade, historicamente, nos dá. Será bom lembrar, adaptando, o poeta e filósofo Hölderlin: “ser educadores em tempos de indigência”.

De facto, é lugar comum falar-se de “crise de valores”. No entanto, os valores vivem da sua realidade intemporal, equidistante a tudo e a todos, ultrapassando as fronteiras do tempo. Há sim, uma desintegração entre a unidade do pensamento, palavra e acção. Cabe a nós educadores mostrar o outro lado; ver de outro ângulo as outras possibilidades de SER. Assim, o processo educativo tem de passar pela “integração do homem”. Educar não é uma mera aquisição de saberes sobre objectos e homens, mas aprender a apreender uma maneira de estar na vida que faça sentido à existência – por isso, todos nós temos esta sensação de que caminhamos sobre um fio que parece quebrar-se a qualquer momento. Este sentir comum é o medo diante de um futuro que parece desmoronar-se. A escola pode ser este lugar de onde se pode sair do marasmo e dos medos que nos atrofiam. O seu papel é muito importante no processo de mudança e adaptação aos novos tempos e novos olhares sobre os valores éticos. A educação para os valores e de valores humanos é um desafio que a escola deve propor mesmo que tenha de remar contra as marés ideológico-políticas. Como educadores, devemos evitar compartimentar o homem, separando o intelecto do resto das suas vidas.

A necessidade de valores encontra-se na necessidade de formação do carácter. É no agir humano que o carácter, tradução do termo grego êthos, é evidente. O projecto fundamental do Homem é a felicidade e esta nasce da formação do carácter. O pensador Aristóteles lembra-nos, na obra já referida, que a felicidade é um olhar da alma, um olhar que abre para o sublime. A dimensão ética, como um lugar privilegiado dos valores, encontra-se como abertura do horizonte onde o humano se encontra com a verdade de si mesmo e com as verdades das coisas.

A existência do Homem é uma demanda de felicidade. Depois é o desafio e a criatividade de saber-fazer, saber-encontrar e saber-agarrar um projecto desta envergadura! Nestes tempos que são os nossos existe algo de definitivo na educação: saber, ensinar e aprender a ler os conteúdos essenciais do AMOR, mostrando a liberdade e a verdade no horizonte da vida e do mundo. De uma forma etérea vemos o amor. O amor é redondo, de cor lilás como os sonhos e o segredo que guarda é o lugar para onde correm os rios. Com as mãos cheias de claridade deixemos a voz libertar o som do coração: O que é o Amor? De certeza que escutaremos o eco...e este é o murmúrio escondido da FELICIDADE.



Reflexões sobre o lançamento do Livro “O Não também ajuda a Crescer” de Maria de Jesus Álava Reyes

Maria Alda Soares Silva Directora dos Departamentos Didácticos

Eram oitenta e quatro as pessoas inscritas para assistir ao colóquio que a editora Esfera dos Livros e o Colégio Valsassina organizaram aquando do lançamento do último livro de Maria de Jesus Álava Reyes.

Pais, professores e psicólogas estão cada vez mais atentos ao que os investigadores no ramo da Psicologia têm concluído e publicado nesta primeira década do século XXI e a prova disso é a assistência numerosa a encontros que nestes dois últimos anos tiveram lugar no nosso Colégio com os professores Daniel Sampaio e Javier Urra. O encontro com esta psicóloga com uma longa experiência e muitos livros publicados não foi, pois, uma excepção.

Logo de início, foram postas à assistência questões que nos prepararam para uma reflexão conjunta sobre os problemas do Presente em termos de educação:

– “As crianças de Hoje são mais felizes do que as do Passado?”

– “Têm mais ou menos coisas do que os Pais tiveram?”

– “Têm mais ou menos liberdade do que estes usufruíram na infância e na adolescência?”

– “São os Professores respeitados na sociedade actual como eram antigamente?”

– “Os Pais dispõem de mais ou menos tempo para estar com os filhos?”

À medida que Jesus Álava Reyes falava, com a segurança e a serenidade de uma longa experiência de 20 anos de profissão, era impossível não ficar preso ao que dizia, às experiências de casos que passaram pelo seu consultório. Era impossível não identificar problemas semelhantes que, quer como pai quer como professores, todos temos conhecido.

Muito importantes foram as sugestões de actuação para melhorar a relação entre crianças e pais, destacando sempre a ideia de que cada criança é única e, como tal, deve ser observada atentamente, sem fechar os olhos ou negar evidências, sem exorbitar os problemas. O estímulo, o elogio são tão fundamentais quanto a recusa razoável e a exigência no cumprimento dos deveres.

Um dos capítulos do seu livro “O Não Também Ajuda a Crescer” enumera alguns conselhos fundamentais que são, antes de mais, **uma lista de erros a evitar**. Destaco alguns desses **erros** que me parecem conter o essencial da mensagem que nos trouxe:

John Ruskin

● Tentar ser “companheiros” em vez de pais.

Poucas coisas confundem uma criança como ver um adulto agir como uma criança.

Os adultos são um “modelo” que dá segurança, afecto, estímulo e apoio.

Estabelecerão normas e, se necessário, dirão “não”.

“(...) educar uma criança não é fazê-la aprender algo que não sabia, mas fazer dela alguém que não existia.”

- **Tentar “comprar” o/s filho/s fazendo de “bom da fita”, tomando o partido deles contra a posição do outro progenitor, defendendo junto dos professores, posições que são indefensáveis.**

As crianças têm um sentido de justiça muito agudo e dá-lhes insegurança ver que o adulto cede à sua “chantagem”, não quer “ver” as suas “mentiras”.

- **Proteger em excesso.**

Estar ao lado dos filhos sem os asfixiar, para os ajudar; eles devem ser acompanhados nas várias etapas, com os seus êxitos e os seus insucessos, só assim evitaremos que sejam inseguros, medrosos.

- **Ceder por sistema para evitar “males maiores”.**

A criança habituada a obter quase tudo o que quer é insatisfeita, nada é como ela gostaria, nem os pais, nem os irmãos, nem os amigos, nem os professores. Exige tudo agora mas será um adulto infeliz.

- **Crer que, em qualquer situação, com o diálogo tudo se resolve.**

Em vez de dialogar é preciso actuar. A criança quer que actuemos e não que percamos tempo com “sermões” que ela não ouve, ou não quer ouvir.

- **Favorecer o consumismo.**

Habituada a ter tudo, a criança deixa de dar valor às coisas e passará a não dar valor às pessoas.

No final do seu livro a autora deixa-nos algumas citações que, segundo ela, favorecem as nossas reflexões:

Para John Ruskin, “(...) educar uma criança não é fazê-la aprender algo que não sabia, mas fazer dela alguém que não existia.”

Para M. Gandhi, “A verdadeira educação consiste em invocar dentro de vós o melhor de vós mesmos. Que melhor livro pode existir além do livro da humanidade?”

E Aristóteles ensinou: “A esperança é o sonho do homem que desperta.”

Saímos deste colóquio com o reforço da ideia de que educar é difícil, sim, mas é uma missão de esperança e de futuro que podemos levar a bom termo com bom senso e muito optimismo.

Educar é também ajudar a crescer.

MARÍA JESÚS ÁLAVA REYES

O NÃO TAMBÉM AJUDA A CRESCER

COMO SUPERAR MOMENTOS DIFÍCEIS E FAVORECER A EDUCAÇÃO E O DESENVOLVIMENTO DAS CRIANÇAS



educar para os valores

“E se as histórias para crianças passassem a ser de leitura obrigatória para os adultos?”

A Maior Flor do Mundo

Carla Caldeira Professora do 1º ciclo

Com o intuito de promover a interdisciplinaridade no 1º Ciclo, foi lançado aos alunos do 2º B um desafio que consistiu na elaboração de um poema baseado na narrativa “A Maior Flor do Mundo”, de José Saramago.

Este trabalho visou principalmente a articulação entre as aprendizagens na área de Língua Portuguesa e de A Arte e as TIC.

Inicialmente, a história foi contada aos alunos e explorada oralmente.

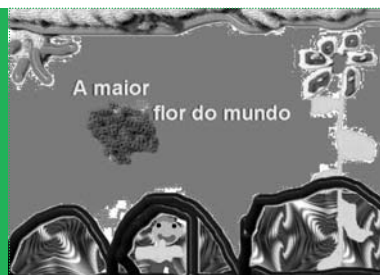
O conto foi dividido em partes, partes essas que, posteriormente, facilitaram a construção da poesia. De seguida, os alunos com a ajuda da professora Antónia Grilo, formaram grupos que, através da sua criatividade, transformaram a escrita em imagens.

Aqui fica o resultado do nosso trabalho e, ainda, a proposta de reflexão sobre as interrogações de José Saramago:

“E se as histórias para crianças passassem a ser de leitura obrigatória para os adultos?”

Seriam eles capazes de aprender realmente o que há tanto tempo têm andado a ensinar?”

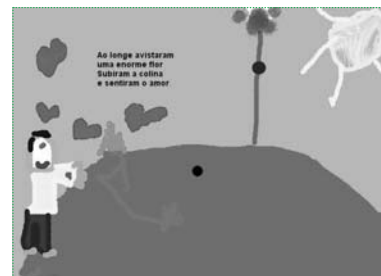
O autor da capa do trabalho da turma foi Diogo Gomes
Diogo Gomes, Martim Begonha, Rodrigo Castro (2ºB)

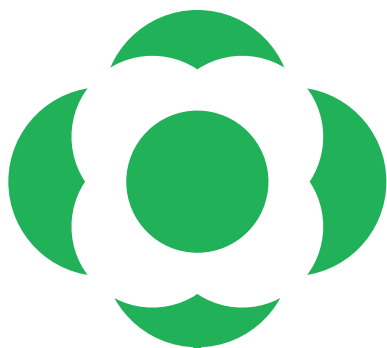


Martim Begonha, Francisco Antunes, Rodrigo Castro (2ºB)
Maria Braga, Joana Silva, Mafalda Pinto, Beatriz Sousa (2ºB)



Frederico Pinheiro, Ricardo Conchinha, Maria Inês Santos,
Matilde Marvão (2ºB)
Mafalda Pinto, Ricardo Matos, Frederico Pinheiro (2ºB)





A Maior Flor do Mundo

Foi José Saramago
Que esta história escreveu,
E foi com muito carinho
Que a nossa professora a leu.

É uma história engraçada
Mas um pouco complicada,
Com a ajuda devida
Percebê-la não custou nada.

Aqui fica a nossa história
Que de prosa a poesia,
Tentámos transformar
Usando a fantasia.

Era uma vez um menino
Que numa aldeia morava,
Muito perto de sua casa
Um largo rio passava.

Para lá do rio era Marte
Pois era uma proibição.
Difícil foi obedecer
Era grande a tentação!

A floresta atravessou
A clareira encontrou,
Gente e bichos não viu
Mas que grande desafio!

Depois de muito andar
Uma colina avistou,
Subiu encosta acima
E foi aí que reparou...

Era só uma flor
E que mal tratada estava,
Água ela não tinha
Parecia que estava assada.

O nosso herói triste ficou,
Mas solução ele encontrou,
Água no rio não faltava,
Mas que longe ele ficava...

O menino a montanha desceu
E nas suas pequenas mãos
Toda a água que cabia
Aos poucos no chão caía.

Com sangue nos pés ficou,
Mas em desistir não pensou,
O aroma da flor, ele sentiu
E na sua sombra, ele dormiu.

Os pais preocupados
Começaram a procurá-lo,
Até ao pôr-do-sol
Foi difícil encontrá-lo.

Ao longe avistaram
Uma enorme flor,
Subiram a colina
E sentiram o amor.

O menino dormia
Resguardado do frio,
Por uma grande pétala
Que da flor caiu.

Grande coragem
O menino demonstrou,
E daquela aldeia
Toda a gente o respeitou.

E assim termina a nossa história
Conseguir construí-la foi uma vitória!

Os alunos do 2ºB

educar para a cooperação e contra a exclusão social

Concurso sobre países e capitais do mundo (7º ano)

Conferência sobre voluntariado no Brasil e Angola
Eng. Inês Souta



Pequeno-almoço Solidário
promovido pelos alunos do 9º ano

Semana da Geografia 2010

Patrícia Branco e Patrícia Avôes Professoras de Geografia

Inspirada no princípio da Solidariedade, a União Europeia juntou forças para fazer de 2010 o Ano de Luta contra a Pobreza e a Exclusão Social. Neste âmbito, o Grupo de Geografia fez deste o tema central das actividades a realizar durante a semana que decorreu entre o dia 18 e 22 de Janeiro.

Assim, a Semana da Geografia promoveu iniciativas diversas, relacionadas com as desigualdades nas condições de vida no mundo, que incluíram:

- Ciclo de Cinema com as turmas do 9º e 11 anos (Hotel Ruanda, Fiel Jardineiro, Diamante de Sangue, Quem Quer ser Bilionário e Colisão);
- Exposição de trabalhos sobre o tema “Pobreza e Exclusão Social” realizados em colaboração com Área de Projecto (9º ano);
- Conferências sobre experiências de Voluntariado nos Países em Desenvolvimento (com a participação da Dra Ana Filipa Claro, sessão sobre Quénia; Eng. Inês Souta, Angola e Brasil; e Dr. Pedro Brito, Moçambique);
- Concurso Geográfico inter-turmas (7º ano);
- Passatempo “Quem é o melhor explorador?”, com a colaboração do Centro de Recursos (2º e 3º ciclo);
- Concurso / Exposição de fotografias sobre o tema “Pobreza e Exclusão Social em Portugal” (10º2);
- Venda de marcadores de livros (todos os alunos de Geografia);
- Pequeno-almoço solidário “Sabores do Mundo” (dinamizado pelo 9º ano para toda a comunidade escolar).

As receitas destas duas últimas iniciativas reverteram para instituições de combate à pobreza e exclusão social, tendo-se angariado cerca de 500 euros.

Estas actividades envolveram directamente os alunos de Geografia do 7º ao 11º ano de escolaridade, sendo de realçar o elevado nível de envolvimento/entusiasmo demonstrado por todos e o grande interesse pelo tema.



**“Por vezes
sentimos que
aquilo que
fazemos não é
senão uma gota
de água no mar.
Mas o mar seria
muito menor se
lhe faltasse
uma gota.”**

Madre Teresa Calcutá

Palestras sobre o voluntariado em África

Tudo começou quando soubemos das conferências onde três pessoas iam dar os seus testemunhos sobre a experiência do voluntariado vivido em países onde a pobreza é uma realidade presente. Ficámos empolgadas e entusiasmadas. Porém nunca imaginámos que poderíamos mudar tanto a nossa vida e, provavelmente, a dos outros.

É espantoso como ainda há pessoas assim, dispensando as suas férias para se entregarem de corpo e alma aos outros, num mundo em que cada vez mais as pessoas só se olham ao espelho, negando a existência do próximo.

Estes três oradores deram-nos a conhecer uma realidade dura que não presenciámos. Como tal, tomámos conhecimento que o que nós tomamos como garantido, muitas vezes para as crianças de África é sinónimo de uma enorme felicidade.

Com isto, consideramos que este tipo de iniciativas é óptimo, pois apelam a valores importantes, sobretudo o valor do amor ao próximo, e motivaram-nos a lutar por um mundo melhor, mais justo e humano.

Desde pequenos o Colégio tem um papel importante na nossa formação como pessoas, por isso, é deveras importante termos palestras como as deste tipo, para nos consciencializar do mundo que nos rodeia. Confrontarmo-nos com aquelas vidas descritas pelos oradores foi, sem dúvida, uma experiência inesquecível, deu-nos uma nova percepção do mundo e de como encarar a vida, esta que nem sempre é cor-de-rosa como a pintamos.

O que mais nos tocou foi o lema dos jovens sem fronteiras: “É estar próximo dos que estão longe sem estarmos longe dos que estão perto.” Isto porque, percebemos que não é só querer ir a África para ajudar, podemos também ajudar em casa. Não é necessário percorrer o mundo para ajudar os que mais precisam pois cá em Portugal também é preciso ajuda.

Aquelas tardes foram mesmo muito gratificantes nas nossas vidas, encontramos finalmente um caminho e vamos lutar por ele, algo difícil num mundo que tenta derrubar muitos dos nossos sonhos.

Esta iniciativa merece, sem dúvida, um especial agradecimento da nossa parte às professoras responsáveis por este projecto.

Nunca se esqueçam, tal como diz a Madre Teresa Calcutá: *“Por vezes sentimos que aquilo que fazemos não é senão uma gota de água no mar. Mas o mar seria muito menor se lhe faltasse uma gota.”*

Madalena Costa e Rita Ramos 10º ano

**Conferência sobre voluntariado
em Moçambique Dr. Pedro Brito**



Relatório sobre o filme “O Fiel Jardineiro”

Através deste filme foi possível ficar com ideia de como as populações do Quênia são maltratadas e manipuladas, graças à miséria e à falta de conhecimento. A qualidade de vida é péssima, pessoas morrem todos os dias com fome e doenças, aliado a um clima desfavorável, uma assistência médica muito fraca e à falta de condições de habitação.

Apesar de ter enormes potencialidades, África é um continente com países paupérrimos. A falta de recursos financeiros torna os governos subornáveis e facilita a exploração por parte das grandes empresas multinacionais.

Assim, algumas empresas farmacêuticas fabricam medicamentos e portanto necessitam de cobaias para testar a sua eficácia. E será que se vão preocupar se estes medicamentos são fatais ou não? Provavelmente não, o dinheiro fala mais alto.

A acrescentar a esta exploração humana, existem constantes conflitos entre tribos que roubam, violam e matam, o que torna a sua situação desesperante.

Mafalda Claro 9^ªA

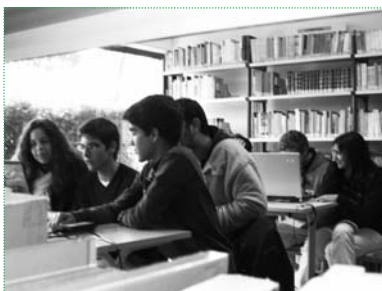


Cartazes de divulgação do Ano Europeu do combate à pobreza e à exclusão social



educar para o gosto pela leitura e aprendizagem

**A escola é hoje
um local de
reflexão sobre
os distintos
saberes que
circulam na
sociedade.**



O lugar do centro de recursos educativos na organização escolar

Sofia Santos Responsável pelo Centro de Recursos Educativos

O carácter definidor de qualquer organização social é que é formada por um certo número de pessoas aglutinadas em torno de uma finalidade explícita de conseguir certos objectivos.

A escola enquanto organização social, integra alunos, professores e funcionários com o objectivo de educar/ensinar, no sentido mais restrito e, no sentido mais lato, promover a integração dos indivíduos na comunidade de pertença, a sociedade, transmitindo-lhes uma linguagem, integrando-os em valores e comportamentos comuns.

Mas a função da escola tem vindo a sofrer uma adaptação às exigências da sociedade em que se insere. A escola é hoje, não só um lugar de transmissão de saberes, mas cada vez mais um local de reflexão sobre os distintos saberes que circulam na sociedade.

Neste sentido, “o papel tradicional da biblioteca escolar” também tem vindo a adaptar-se às novas funções da escola actual, integrada numa sociedade que é uma sociedade da informação. A função tradicional da biblioteca escolar de sustentar o trabalho educacional da escola e fornecer todos os recursos essenciais para cumprir esse fim tem vindo a expandir-se progressivamente transformando-se num lugar de trabalho independente, impulsionador do desenvolvimento da investigação e do prazer de ler.

No Colégio Valsassina, a ‘tradicional’ biblioteca escolar tem vindo a assumir o papel de um verdadeiro “centro de recursos educativos” onde se disponibilizam a alunos, professores e funcionários, livros, programas informáticos, jornais e revistas, registos vídeo e áudio, diapositivos, filmes, CD-ROM, etc. Os recursos pedagógicos do Colégio, reunidos e organizados neste espaço, são disponibilizados quer para as actividades quotidianas de ensino, quer para actividades curriculares não lectivas, quer para ocupação de tempos livres e de lazer.

Pela afluência, frequência e utilização constante do Centro de Recursos Educativos pode-se concluir que este constitui um instrumento essencial para o desenvolvimento do currículo escolar, sendo por isso fundamental para a concretização do projecto educativo do Colégio.

O Centro de Recursos Educativos não é um simples serviço de apoio às actividades lectivas. Tornou-se ele próprio um espaço autónomo de aprendizagem e ocupação de tempos livres, de desenvolvimento de actividades de promoção da leitura e de actividades culturais.

Digamos que o Colégio Valsassina conta com um centro de recursos educativos que contribui para suscitar um impulso pedagógico renovado, um local onde a vida educativa e a actividade pedagógica se entrecruzam.

**educar para
a ciência**

O que dizem os macroinvertebrados da poluição do Rio Tejo (Parque das Nações)?

Como consequência das actividades humanas os recursos naturais têm vindo a reduzir de uma forma assustadora. Entre outras causas, a integridade de um ecossistema é afectada pela poluição, a qual excede muitas vezes a capacidade dos organismos em assimilar os contaminantes.

No ambiente aquático, os macroinvertebrados apresentam diversos graus de tolerância à poluição, por isso são amplamente utilizados como bioindicadores de qualidade de água, ou seja, através da sua presença, abundância e condições são indicativos biológicos de uma determinada condição ambiental.

O presente trabalho teve como objectivo avaliar o nível de poluição do rio Tejo (junto ao Parque das Nações), tendo por base a identificação no sedimento de organismos bioindicadores de poluição. Este projecto, integrado no Ano Internacional da Biodiversidade, pretende levar-nos a descobrir as ligações entre a saúde humana e a biodiversidade marinha.

Resultados e sua discussão (síntese)

Através do livro “Invertebrados de Água Doce”, pela Chave de Identificação das Principais Famílias, encontrámos quatro famílias de macroinvertebrados na amostra de sedimento recolhido: Neritidae (2), Hydrobiidae (2), Lymnaeidae (8) e Bithyniidae (1).

A fauna identificada contribui, significativamente, para a biodeposição, a regeneração de nutrientes, a remobilização de sedimentos e consequente oxidação e servem, ainda, de alimento para muitas espécies aquáticas.

Através do *Índice de Qualidade Biológica da água BMWP*, encontrámos as pontuações de cada família de modo a determinar o nível de poluição do rio estudado: Neritidae (6 pontos); Hydrobiidae (3 pontos); Lymnaeidae (3 pontos); Bithyniidae (3 pontos).

Os resultados obtidos (total de 15 pontos) sugerem que o local está Muito Poluído. Pela observação do local verificamos a existência de descargas de esgotos em excesso, associada à utilização do rio como ponto de descarga de muitas indústrias, e a existência de grandes aglomerados populacionais nas margens do rio. Tais evidências podem contribuir para que este troço de rio se encontre, eventualmente, muito poluído, facto que, potencialmente apoia os dados encontrados neste trabalho.

Contudo, não podemos deixar de referir que este foi um trabalho experimental em que possuíamos muito pouca experiência neste tipo de estudos e não tivemos acesso à rosa de bengala (corante para facilitar a identificação de macroinvertebrados). Por sua vez, a sazonalidade que afecta os macroinvertebrados pode ter conduzido a uma reduzida contagem.

Bruno Santos, João Cabral, Miguel Silva, Miguel Castel-Branco 8ºB

Trabalho elaborado no âmbito da disciplina de Ciências Naturais e integrado no Projecto Ciência Viva “Oceanos, biodiversidade e saúde humana”

Todos os trabalhos submetidos a concurso podem ser consultados em
<http://www.cienciaviva.pt/rede/oceanos/participantes2.asp?desafo=2>.



educar para a ciência

Evolução da resistência de *Escherichia coli* à Ampicilina?

Abstract: One of the first creatures living in Earth were bacteria. Nowadays we can still see many examples of beings of this family, which means that, through all the years, they have created ways to survive their extinctions' threats. The aim of this project is to test how *E. coli* bacteria survive to the ampicilin, so we followed the methodology of Haddix *et al.* (2000), which lead us to watch and analyse this creature behaviour by counting the survivors that were in the recipients, each one with a different antibiotic concentration, and test Charles Darwin's Law of Natural Selection. As the main conclusions of this project it is possible to say that:

- *E. coli* bacteria are not naturally resistant to ampicilin.
- Bacteria cells became resistant after contact with this antibiotic.
- We can compare animals and plants evolution with bacteria natural selection.

Key-words: Resistance; Antibiotic, Bacteria, Natural selection

Principais conclusões: A resistência aos antibióticos é hoje uma realidade em todo o mundo e constitui um problema sério no tratamento das doenças infecciosas. Ainda que não se conheça a grandeza deste problema, estima-se que, a nível mundial, o custo do tratamento de infecções causadas por bactérias com resistência aos antibióticos é de muitos milhões de euros por ano. Deste modo, a investigação científica e a utilização cuidadosa dos antibióticos pode reverter esta tendência.

O objectivo desta investigação foi a verificação das leis da selecção natural através da observação do comportamento das bactérias, considerando vários meios de culturas com diferentes concentrações de antibiótico, de forma a verificar as reacções dessas mesmas bactérias e no que se refere à sua resistência face ao antibiótico utilizado.

Os resultados obtidos mostram uma tendência para considerar a existência de uma crescente resistência das bactérias à ampicilina. Neste contexto, pode-se considerar que existem duas formas pelas quais as bactérias podem adquirir resistência aos antibióticos: as mutações ou a partir de um processo denominado Transferência Horizontal do Gene.

A investigação por nós conduzida permitiu uma maior aprendizagem baseada em factos e na sua observação, permitindo com isso o desenvolvimento de novas competências ancoradas na experimentação.

António Delgado, Catarina Oliveira, Jorge Ferreira, Martim Lico. 12º 1A

Trabalho realizado no âmbito da disciplina de Biologia e do Concurso Documentário Científico do Desafio Darwin 2009

educar para a ciência

**“Ó stôr,
para que é
que isto serve?”**

Porque se ensina Matemática?

Nelson Gomes Professor de Matemática

Esta é uma pergunta à qual todos os professores de Matemática já tiveram que dar resposta. É relativamente frequente ouvir dos alunos, especialmente daqueles com menor afinidade com a disciplina, a pergunta “Ó stôr, para que é que isto serve?”

E para que serve, então?

A resposta que mais vezes se ouve baseia-se na importância da Matemática para o quotidiano. E este é um chavão que todos estamos habituados a ouvir, sem realmente pensarmos no seu significado. Serão os conteúdos da disciplina de Matemática, que vão sendo ensinados ao longo dos vários anos de escolaridade, realmente aplicados no nosso dia-a-dia?

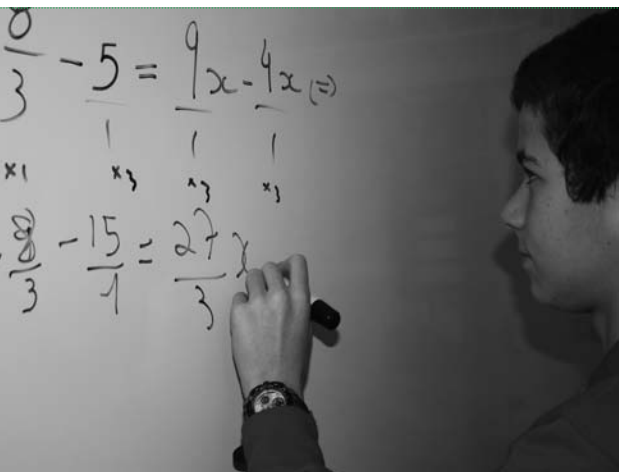
Sejamos francos: não é propriamente hábito de nenhum de nós fazer mentalmente a conta do hipermercado quando enchemos o carrinho de compras até cima – aí, qualquer computador é infinitamente mais rápido e eficiente do que nós. Mas isso não implica que não tenhamos a obrigação de saber que, ao entregarmos 80€ para pagar 72,48€, temos que receber um troco de 7,52€, e isto ainda antes de o operador da caixa introduzir o valor para o dito computador efectuar o cálculo por ele (sim, porque a “velha arte” de fazer trocos mentalmente, que aprendíamos quando íamos à mercearia do bairro e, ao chegar a casa, reproduzíamos quando entregávamos o troco, já há muito caiu em desuso).

Então, para que precisamos de aprender Matemática, se cada vez sentimos menos necessidade de efectuar cálculos, graças a toda a tecnologia que nos rodeia – quantos dos que estão a ler estas linhas ainda se aventurariam a fazer a divisão com papel e lápis de 18737 por 258, especialmente sabendo que no bolso têm uma calculadora escondida no telemóvel?

Vamos subir um pouco mais na complexidade dos raciocínios matemáticos. Precisaremos de saber Matemática para calcularmos o valor da prestação do crédito à habitação com a flutuação das taxas de juro? Faremos nós os cálculos do reembolso do IRS com papel e lápis? Mais uma vez, nos dias que correm, existem ferramentas à distância de uns cliques que nos permitem realizar esses cálculos com mais rapidez do que qualquer um de nós conseguiria efectuar.

Vamos continuando a subir na complexidade... Todos ouvimos dizer que a Matemática está envolvida na construção de pontes, ou no desenvolvimento de automóveis, por exemplo. Mas a esmagadora maioria de nós não projecta pontes nem automóveis, nem tem qualquer ambição de o vir a fazer – e se quem as projecta sabe o que é uma equação diferencial, aqueles que simplesmente dão à chave para pôr o carro a trabalhar para, com ele, atravessar a ponte, não!

Estaremos a enganar os nossos alunos? Andamos a vender a ideia de que a Matemática é fundamental para o dia-a-dia, mas a única Matemática que realmente usamos é a “Matemática da mercearia”, e cada vez menos? Então para que ensinamos Geometria Analítica? Porquê Trigonometria? Qual o fundamento para o Cálculo Diferencial? Qual a aplicação quotidiana que esperamos que os nossos alunos dêem a conceitos tão abstractos como o de Número Complexo?



Sejamos sinceros: grande parte dos nossos alunos não terá que lidar novamente com esta Matemática. Vão entrar na Universidade e tirar os seus cursos, uns com mais cadeiras de Matemática, outros com menos. Uns vão tirar prazer dessa Matemática, para outros será um sofrimento. Alguns necessitarão da Matemática no seu dia-a-dia profissional. Para muitos, a Matemática morreu ali.

E o que ficou?

Ficou o mais importante! Ficou o contacto com uma das mais belas actividades do intelecto humano, património cultural de todos nós. Ficou a capacidade de reflectir sobre a estrutura de um problema em busca de processos de resolução. De reflectir sobre erros cometidos na procura de estratégias alternativas, quando as primeiras não se revelam eficazes. De conjugar saberes de vários quadrantes, e partir em busca do desconhecido, em busca da solução para aquele problema. De ajuizar criticamente os resultados que são apresentados. De formular e testar conjecturas sobre os mais variados temas. De observar situações concretas e, com base nelas, generalizar a situações mais abrangentes. De evoluir de um raciocínio eminentemente concreto para um raciocínio abstracto.

São estes os processos que devem acompanhar um adulto competente. Não temos por objectivo que, passados vinte anos, os nossos ex-alunos ainda saibam decompor um polinómio por aplicação da Regra de Ruffini, por exemplo. Mas sim que tenham desenvolvido capacidades muito mais gerais e abrangentes que, essas sim, os irão acompanhar ao longo da vida.

E é por isto que se ensina Matemática.

A Matemática no Jardim de Infância

Ana Ribeiro Pereira Educadora de Infância



A Matemática é reconhecidamente decisiva para a estruturação do pensamento humano e para uma plena integração na vida social.

As investigações mostram que as crianças pequenas revelam competências matemáticas poderosas, não no sentido da utilização de vocabulário matemático complicado e realização de cálculos, mas no sentido de usarem vários materiais e com eles resolverem problemas lógicos, quantitativos ou espaciais.

As crianças vão naturalmente construindo noções matemáticas a partir das vivências do dia-a-dia.

É através da exploração do espaço e dos objectos que a criança começa a encontrar princípios lógicos que lhe permitem classificar objectos, coisas e acontecimentos de acordo com uma ou várias propriedades, de forma a poder estabelecer relações entre eles.

Através da resolução de problemas, estimulam-se as crianças a procurarem as suas próprias soluções, de forma a potenciar o desenvolvimento do seu raciocínio e da sua autonomia.

Assim, é muito importante proporcionar às crianças inúmeras experiências para que os conceitos sejam dominados, dando prioridade à sua compreensão.



No Jardim de Infância pretende-se que as crianças desenvolvam as seguintes competências matemáticas: classificação, seriação, padronização, conceito de número, espaço e tempo.

Por exemplo, após uma exploração livre do Cuisenaire (material matemático para a concretização de quantidades e operações matemáticas) as crianças de 5 anos descobriram que:

- Há vários tamanhos de peças;
- Há peças de várias cores;
- Peças da mesma cor têm o mesmo tamanho;
- Peças de cores diferentes têm tamanhos diferentes;
- A peça branca é a mais pequena;
- A peça laranja é a maior;
- A peça azul é a segunda maior.



educar para a sustentabilidade

Biodiversidade e sustentabilidade a caminho de uma Low Carbon School

As alterações climáticas são actualmente, um dos maiores flagelos ambientais, responsáveis por graves impactes económicos, sociais e ambientais.

Uma abordagem racional às questões de energia e carbono conduz à Hierarquia do Carbono: Promover o uso racional dos equipamentos e sistemas responsáveis pela emissão directa ou indirecta de GEE; Instalar equipamentos e sistemas energeticamente eficientes; Utilizar energia de fontes limpas. Aplicar esta hierarquia implica iniciar um plano de redução do consumo de energia e outros recursos e controlo das emissões de carbono, que se repita no tempo, com uma intenção de ser sempre melhor, sensibilizando e educando para as questões energéticas e para a responsabilidade climática através da Gestão Voluntária de Carbono.

“1 Aluno, 1 árvore, 1 compromisso” é o nome de um projecto que surge no âmbito do posicionamento estratégico (responsabilidade social/ambiental) do Colégio Valsassina e como forma de contribuir para a preservação da biodiversidade. Deste modo, pretendemos associar o Colégio ao projecto Oxigénio, da Cascais Natura. Este tem como objectivo recuperar, manter e abrir à visitação um extenso arco de território que une a costa atlântica ocidental acima do Guincho até à proximidade da Vila de Cascais, passando pelas encostas da Serra de Sintra voltadas a Sul. Desta forma, é possível associar o Colégio ao posicionamento estratégico no emergente mercado da biodiversidade, lançando recentemente no âmbito da iniciativa Business & Biodiversity, promovendo a biodiversidade nas áreas protegidas e preservando a floresta autóctone da região.

Esta abordagem permitirá ao Colégio Valsassina actuar de forma pioneira face à temática das Alterações Climáticas: internamente, pela gestão do carbono e comunicação/sensibilização específica com alunos e pais, e externamente, pela comunicação sobre as boas práticas desenvolvidas. Ao promover a sustentabilidade de forma a travar as alterações climáticas procura-se não apenas benefícios para o ambiente, mas também a nível económico e social.

José Patto 12º1A - Rita Ferrito 12º1B

Resumo do trabalho apresentado no XII Encontro de Jovens Cientistas das Escolas SEA-UNESCO, Jan. 2010

Apresentação do trabalho do Colégio pelos alunos Rita Ferrito e José Patto.



educar para a sustentabilidade

2010 Ano Internacional da Biodiversidade

João Gomes Professor de Biologia

A biodiversidade engloba a variedade de genes, espécies e ecossistemas que constituem a vida no planeta. Assistimos actualmente a uma perda constante da biodiversidade com profundas consequências para o mundo natural e o bem-estar humano. As principais causas são as alterações nos habitats naturais, resultantes dos sistemas intensivos de produção agrícola, da construção, da exploração de pedreiras, da sobreexploração das florestas, oceanos, rios, lagos e solos, da introdução de espécies alóctones invasivas, da poluição e, cada vez mais, das alterações climáticas globais.

A humanidade é ela própria parte da biodiversidade e a nossa existência seria impossível sem ela. Qualidade de vida, competitividade económica, emprego e segurança, tudo depende deste capital natural.

Na Europa, a actividade humana tem moldado a biodiversidade desde a expansão da agricultura e da produção animal, há mais de 5000 anos. As revoluções agrícola e industrial deram origem a profundas e rápidas mudanças na utilização dos solos, na intensificação da agricultura, na urbanização e no abandono das terras que, por seu turno, resultaram no desaparecimento de muitas práticas (por exemplo, métodos agrícolas tradicionais) que ajudavam a preservar a riqueza das paisagens em biodiversidade.

O elevado consumo e produção de resíduos por pessoa significa que o nosso impacto nos ecossistemas se estende muito para além do nosso continente. Os estilos de vida europeus dependem significativamente da importação de recursos e bens de todos os cantos do mundo, encorajando muitas vezes a exploração dos recursos naturais. Esta situação leva à perda de biodiversidade que, por seu turno, reduz o capital de recursos naturais no qual se baseia o desenvolvimento económico e social. Mas que consequências terá esta perda?

A resposta a esta questão pode ser resumida em duas palavras: serviços e valores.

Os serviços dos ecossistemas são os benefícios que as pessoas adquirem dos ecossistemas. Estes incluem produtos como alimento, combustível, serviços de regulação como regulação do clima e controlo de doenças, e benefícios não materiais como benefícios espirituais ou estéticos. Para além disso, o oxigénio que respiramos é produzido pelas plantas, as mesmas que constituem o alimento base de todas as cadeias alimentares; cerca de 1/3 do alimento dos seres vivos depende da polinização pelas abelhas (asseguram a reprodução das plantas), etc.

Quanto aos valores, é também inegável o papel da biodiversidade, gerando: benefícios económicos (e.g. rendimento directo por venda de produtos), benefícios sociais (e.g. emprego, saúde), benefícios ecológicos (e.g. valores territoriais).

Por sua vez, transversal aos serviços e aos valores estão as motivações éticas e culturais. Estas relacionam-se sobretudo com a nossa consciência comum e com a nossa identidade biológica enquanto parte integrante da natureza. Teremos o direito de eliminar outros seres vivos com uma história evolutiva de milhões de anos, e de deixar aos nossos descendentes um planeta irremediavelmente empobrecido?



No dia 20 de Dezembro de 2006, a Assembleia Geral das Nações Unidas declarou 2010 como o Ano Internacional da Biodiversidade (resolução 61/203). Stavros Dimas, Comissário Europeu do Ambiente, disse uma vez que “parar a perda de biodiversidade é uma absoluta prioridade para a União Europeia e um objectivo essencial para a Humanidade”.

Para o Ano Internacional da Biodiversidade, e dando sequência à aplicação da metodologia de trabalho de projecto, foi planeado no Colégio um conjunto de actividades/projectos.

Parar a perda de biodiversidade é uma absoluta prioridade para a Humanidade.

ECOVALSASSINA 2010 ANO INTERNACIONAL DA BIODIVERSIDADE	J-INF	1°C	2°C	3°C	Sec.
1 aluno, 1 árvore, 1 compromisso	▪	▪	▪	▪	▪
Plantas e Bichos de Lisboa (DESA-CML)	▪				
Ver(de) Lisboa – Jardins de Lisboa (DESA-CML)		▪			
Projecto A menina do mar (Ciência Viva)		▪			
Ver(de) Lisboa (DESA-CML)			▪		
Olimpíadas do Ambiente				▪	▪
Rali Solar (Ciência Viva)				▪	
Conservação da Biodiversidade em Portugal: passou ou chumbou? (SPEA)				▪	▪
Oceanos, biodiversidade e saúde humana (Ciência Viva)				▪	
Olimpíadas da energia e alterações climáticas					▪
Olimpíadas de Biotecnologia					▪
Compostagem	▪			▪	▪
Utilização de <i>Daphnia magna</i> como modelo biológico (microprojectos Ciência Viva ID1212)				▪	▪
Prémio UNESCO criatividade – biodiversidade					▪
Desafios Darwin 2009 (Evolução do crescimento de uma população de bactérias – <i>Escherichia coli</i> – num meio com e sem antibiótico – ampicilina; Actividade «Caça à Minhoca»)					▪
Green roof					▪

educar para uma responsabilidade social e ambiental



Um aluno, Uma árvore, Um compromisso

Uma árvore por aluno é a base de um projecto que surge no âmbito do posicionamento estratégico (responsabilidade social/ambiental) do Colégio Valsassina e como forma de contribuir para a compensação das emissões anuais de carbono associadas a algumas actividades.

Esta iniciativa é desenvolvida em parceria com a Cascais Natura, no âmbito do projecto Oxigénio, promovido por esta entidade.

O lançamento deste projecto decorreu no dia 20 de Janeiro, com uma acção de plantação de carvalhos e pinheiros no Parque Natural de Sintra-Cascais.

Através deste, a direcção do Colégio Valsassina assinará um Certificado de Compromisso a Cinco Anos, com o intuito de garantir a manutenção das árvores instaladas e maximizar a sua taxa de sobrevivência.

De referir que, uma entidade que pretende mitigar as suas emissões de carbono de forma responsável tem o dever de avaliar regularmente – no mínimo uma vez por ano – o estado fitossanitário das árvores que plantou e executar acções de gestão apropriadas.

Assim, mais do que plantar, o projecto Oxigénio pretende que os envolvidos se comprometam a cuidar das árvores (e da biodiversidade que lhe está associada) por um determinado período de tempo.

Acção no Parque Natural de Sintra – Cascais

No passado dia 20 do mês de Janeiro saímos da escola às 8h30 da manhã em direcção ao Parque Natural de Sintra – Cascais.

Estávamos todos contentes pois tínhamos a certeza que seria um dia diferente!

Quando chegámos ao local andámos bastante pela lama, pois tinha estado a chover durante a noite e fomos ao encontro dos monitores, que nos explicaram como o que devíamos fazer e quais as espécies a plantar.

Fomos divididos em grupos e pusemos mãos à obra!

Deram-nos luvas, enxadas, sementes, plantas e a indicação do caminho que deveríamos seguir.

Abrimos buracos, escavámos, semeámos e no meio de tanto trabalho, claro que falávamos e nos divertíamos. E muito!

O entusiasmo era tanto que dei por mim a tirar o casaco (graças a Deus, o sol apertava) e a escavar com as mãos e com os joelhos na terra. Claro que fiquei com a roupa toda suja.

Percebi o quanto custa cuidar da terra e o trabalho que os agricultores têm diariamente em mantê-la tratada de forma a podermos ter os produtos agrícolas nas nossas casas.

De regresso à escola vinha cansada. Mas tal como todos os meus colegas, sentia-me bem por ter contribuído para um planeta mais saudável!

Matilde Figueiredo 8º A

educar para uma cidadania ambiental



A construção de um painel colectivo, com a casa da menina do mar e a praia, foi uma das primeiras actividades deste projecto.

Plantas e bichos de Lisboa

Mariana Casimiro Educadora de Infância

A sala B dos 3 anos do Colégio foi seleccionada (após candidatura) para participar no Projecto de Educação Ambiental “Plantas e Bichos de Lisboa”. É uma das iniciativas da Divisão de Sensibilização e Educação Ambiental da Câmara Municipal de Lisboa através da qual se pretende dar a conhecer um pouco mais sobre a nossa cidade e despertar o interesse das crianças por algumas plantas e animais que habitam o espaço urbano e qual a sua importância.

O projecto iniciou-se com a exploração de um painel alusivo à cidade por duas monitoras da CML o que levou a um grande envolvimento de todas as crianças da sala. A educadora ficou de concluir a actividade, de modo a passar à fase seguinte que consiste numa saída a um jardim de Lisboa, onde será possível “aplicar os conhecimentos adquiridos”.

Considero que é muito importante que as crianças comecem, desde cedo, a ter contacto com a natureza e o seu meio mais próximo, o que contribui para interiorizarem valores de respeito e de protecção.

A Menina do mar

Fátima Monteiro Professora do 1º ciclo

O Projecto “A Menina do Mar” pretende dar a conhecer os ecossistemas marinhos a partir de um conto infantil. Este consiste num conjunto de propostas de actividades sobre ecossistemas marinhos criados a partir do conto «A Menina do Mar» de Sophia de Mello Breyner Andresen que visam estimular o gosto pela observação, pela experimentação, assim como desenvolver as capacidades criativas e de comunicação das crianças e criar o gosto pela leitura.

A turma C do 4º ano, do 1º ciclo, está directamente envolvida neste projecto, que se pretende interdisciplinar, compreendendo as áreas do Estudo do Meio, Língua Portuguesa e Ed. Plástica.

Procure-nos em <http://geracaoecovalsassina.blogspot.com/search/label/Menina%20do%20Mar>.



educar para a sustentabilidade

O caminho que temos de percorrer ambiciona levar-nos a um futuro mais sustentável.

A informática numa educação para o desenvolvimento sustentável

José Rainho Professor de Informática

Começámos a 1 de Janeiro uma nova década, dizem uns. É falso: estamos, isso sim, no ano em que a década acaba, discordam outros. Na verdade, o novo século já não é particularmente novo, e os chavões que ouvíamos, que proclamavam uma “educação para o século XXI”, já não soam tão entusiasmantes como há anos atrás. Os objectivos de uma Educação para o Desenvolvimento Sustentável continuam, no entanto, os mesmos: o caminho que temos de percorrer ambiciona levar-nos a um futuro mais sustentável em termos da integridade ambiental, da viabilidade económica e da justiça social para as gerações presentes e futuras.

Afinal de contas, continuamos a tentar incutir nos nossos alunos uma curiosidade, um espírito crítico e de criatividade que os leve a conhecer melhor o complexo mundo em que vivem, sensibilizando-os para os problemas que esse mesmo mundo tenta resolver há décadas: a pobreza, o consumismo desenfreado, o esgotamento de recursos naturais, a deterioração ambiental, a violação dos direitos humanos...

A Informática, mais concretamente a World Wide Web, trouxe-nos uma mudança significativa em relação a 1999: se os problemas são os mesmos e os objectivos não mudaram, ao menos temos muito mais informação à disposição. Praticamente todos dispomos de um computador com ligação à Internet, que nos coloca muito mais próximos do mundo que ambicionamos conhecer melhor. Através de fóruns de discussão e das redes sociais como o Twitter ou o Facebook, facilmente encontramos outros com interesses semelhantes aos nossos. Torna-se cada vez mais fácil a partilha de conhecimentos e experiências e a coordenação de esforços para um destino comum. A importância desta fonte de conhecimento e comunicação é inegável na nossa sociedade actual, mas estaremos a conseguir educar as gerações futuras para dela tirarem melhor partido?

Segundo os primeiros resultados de um estudo ainda a decorrer pela Dr^a Cristina Ponte da Universidade Nova de Lisboa, realizado no âmbito do programa EU Kids Online, uma boa parte dos nossos jovens copia integralmente informação que encontra na Internet para os seus trabalhos escolares, muitas vezes sem sequer a ler. Algo está, portanto, a falhar. Estaremos a fomentar curiosidade e criatividade suficientes para que os nossos jovens sintam realmente a tal vontade de conhecer o mundo em que vivem? Será toda a envolvente social que faz com que muitos dos nossos jovens foquem a sua atenção nas séries de televisão e nos jogos online e que os torna desinteressados no que acontece ao seu redor?

A Informática fornece excelentes ferramentas que trazem a informação até nós, mas estas ferramentas têm de ser devidamente aproveitadas. Copiar integralmente da Internet um texto de 5 páginas sobre poupança de energia para um trabalho de Ciências da Natureza não é aprendizagem para um desenvolvimento sustentável: é apenas plágio, um crime punido por lei. As Tecnologias da Informação e da Comunicação têm de servir para aguçar a curiosidade, e não para a eliminar de todo!



educar para agir contra as alterações climáticas

Vídeo de sensibilização para as alterações climáticas

«A Tua Energia Faz a Diferença» é o título de um vídeo produzido por alunos do Colégio Valsassina através do qual pretendemos mobilizar todos os elementos da comunidade escolar para o combate às Alterações Climáticas. Pode ser consultado em <http://co2amais.blogspot.com/2010/01/mexe-te-aproveita-esta-energia.html>.

Projecto Twist



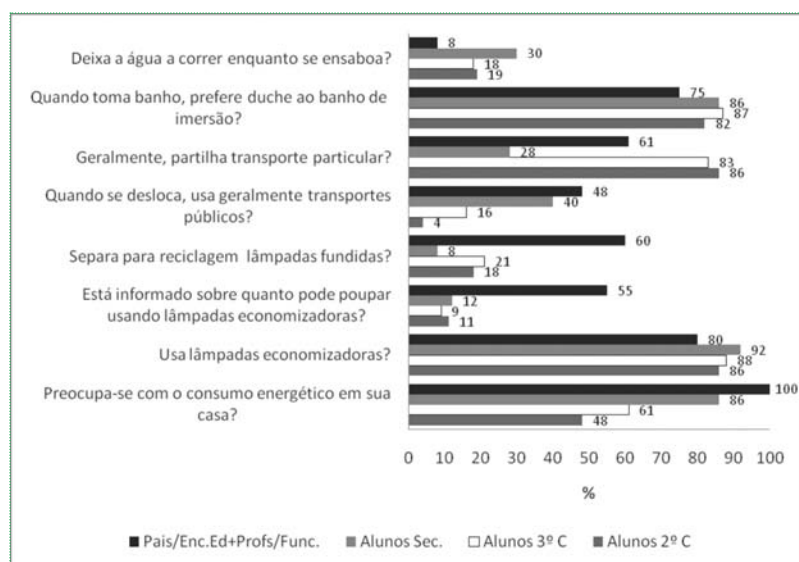
«TWIST» é o nome de um projecto da EDP Serviço Universal e da «Sair da Casca – Consultoria em Desenvolvimento Sustentável» dedicado aos alunos do Ensino Secundário. O seu principal objectivo é sensibilizar os jovens para o tema da eficiência energética e das alterações climáticas, através do desenvolvimento de acções em todas as escolas secundárias do país, que visam uma mudança de comportamentos coerente com um futuro sustentável.

Twisters: Os principais protagonistas!

Trata-se de um grupo de quatro alunos (Beatriz Costeira, 11º1; Filipa Mendes, 12º1A; Margarida Costa, 12º1B; Rita Ferrito, 12º1B) e um professor (João Gomes) de cada escola secundária do país, cuja principal responsabilidade será implementar acções na escola no âmbito da temática da eficiência energética e alterações climáticas, durante o Ano Lectivo 2009 – 2010.

O projecto teve início em Novembro 2009. A primeira fase consistiu num diagnóstico ao Colégio, com destaque ao questionário de hábitos de consumo a todos os elementos da comunidade escolar.

Procure-nos em <http://geracaoecovalsassina.blogspot.com/search/label/TWIST>.



educar para uma identidade e cidadania

Que fazer com os 100 anos da República?

Graça Luís Professora de História e de Educação para a Cidadania

“A Escola como ecossistema social”, tema geral da presente Gazeta, parecia-me quase incompatível com a vontade de escrever para a comunidade escolar sobre o centenário da implantação da República em Portugal.

A palavra “ecossistema”, se bem me lembro, remete-nos para as Ciências Naturais e para a Biologia e define uma série de relações e de dependências que estabelecem o equilíbrio natural. Ao acrescentarmos o “social” conseguimos ver a Escola como uma grande comunidade em que se articulam várias pequenas comunidades e vários vectores sociais que entram na Escola através de todos aqueles que diariamente nela “actuem”. Mas... a Escola também é uma parte de um macrocosmos social sobre o qual deve agir, ajudando-o na construção de uma rede de valores que fomentem a liberdade, a tolerância, a abertura de espírito, a justiça social, a igualdade e, em geral, um forte sentido de cidadania.

É aqui que encontro motivo para reflectir sobre o tema deste artigo.

Foi com agrado que acompanhei o nascimento da Comissão Nacional para a Comemoração do Centenário da República e que procurei levar para o Colégio os projectos por ela definidos. Também se sabe que, por todo o país, se multiplicam as iniciativas para “celebrar” os cem anos de República. Ora, esta dimensão festiva pode ser pedagogicamente perigosa, se não forem feitas muitas ressalvas a estes festejos.

Para o leitor desprevenido, este meu reparo pode significar alguma antipatia pelo regime republicano e um grande facciosismo na abordagem da questão junto dos alunos. Nada disso, até sou republicana, e os meus alunos sabem-no. Muitas vezes, questionada sobre esta minha convicção, dou por mim a apresentar argumentos muito ingénuos como o de achar que nenhum órgão político deve existir sem o apoio popular ou o de que não devem existir famílias, as reais, que sejam privilegiadas em relação aos restantes cidadãos. Também aqui poderei estar a ser tendenciosa.

É aqui que começa o papel dos professores na formação do conhecimento e do sentido crítico fundamentais para o percurso de cada pessoa que é nosso aluno e para a sua participação construtiva no ecossistema social em que se integra. Como se pode fazer?

Para os mais pequenos, no Primeiro Ciclo, o importante é dar a conhecer aspectos gerais da Primeira República Portuguesa como as datas mais importantes, os símbolos do novo regime (a bandeira, o escudo ou o hino), os mais importantes governantes, as principais medidas ou locais da cidade onde se deram acontecimentos significativos, trabalho este que poderá ser feito com a ajuda de alunos de níveis mais avançados, como estamos a projectar.

À medida que vamos prosseguindo, deve ser introduzida uma crescente problematização do tema, nomeadamente as razões por que era tão desejado o fim da Monarquia em Portugal, mas porque durou tão pouco (16 anos) e houve tanta instabilidade política (45 governos, 8 presidentes, atentados, alguns fracassados e outros com sucesso), tanta convergência social no início e total descrédito nos últimos anos, a corrupção, a sede do poder...



**Muitos são os
motivos para
levar os nossos
alunos a
investigar,
pensar, criticar,
interagir,
problematizar.
Os Cem Anos de
República
também o
serão...**

Por outro lado, não esquecer o que de muito positivo se fez em Portugal, como o desenvolvimento quantitativo e qualitativo do ensino em Portugal, o estabelecimento de um dia de descanso semanal obrigatório para todos os trabalhadores, a criação do registo civil ou a lei do divórcio.

E por aí fora, problematizando a II República e aquela que vivemos desde o 25 de Abril de 1974, em que alguém já afirmou estarem os tempos áureos (sobre-tudo os últimos 25 anos) desde que se instaurou a República, em 5 de Outubro de 1910. Porquê? Porque não tem havido atentados, porque tem havido alguma paz social, porque todas as mudanças políticas se têm feito de acordo com o que está estabelecido na Constituição, o que todos desejamos que continue a acontecer, pois só assim a República será verdadeiramente democrática. Importante não esquecer de problematizar o futuro, quer dos países republicanos quer dos países monárquicos, mas democráticos, em que se projectam desafios incontornáveis como a protecção ambiental e, não menos importante, a questão das constantes movimentações humanas que colocam em confronto culturas muito diversas, o que deverá ser visto numa perspectiva construtiva e não conflituosa e destrutiva.

Eu sei que está a achar isto lirismo. Afinal, como é que isto se trabalha na Escola? Para além do que já disse, é preciso levar os alunos à investigação, usando metodologias adequadas para tal. Aqui, a disciplina de História tem um papel determinante, papel esse que se estende a outras disciplinas como a Educação para a Cidadania, importantíssimo espaço de debate e de articulação com a realidade, através de iniciativas concretas de solidariedade, ou até da Geografia, que, no mês de Janeiro, pôs muitos alunos a pensar nos que nada têm e no contributo que cada um de nós pode dar para minimizar tanta miséria, através dos depoimentos de jovens que dão de si em prol dos outros e que se disponibilizaram para vir ao Colégio.

Em síntese, muitos são os motivos para levar os nossos alunos a investigar, pensar, criticar, interagir, problematizar. Os Cem Anos de República também o serão...

100

educar para uma identidade e cidadania

A importância da preservação da identidade nacional

Nos tempos que correm onde tudo muda e se transforma a uma velocidade alucinante, julgo ser importante, se não crucial, apelar à extrema relevância do preservar da identidade nacional.

Actualmente estamos habituados a interagir com o exterior com uma facilidade e rapidez admiráveis. Um contacto permanente que nos permite conhecer e contemplar novos mundos com realidades diferentes. Realidades que, por serem melhores ou piores que as nossas, nos fazem pensar – os países em desenvolvimento que apresentam condições precárias a todos os níveis, em vez de nos fazerem orgulhosos de uma pátria estável, saudável, pacífica e democrática, simples e mediocrementemente nos chocam com tão inconcebíveis condições. Paralelamente, ao olharmos para os países desenvolvidos sentimo-nos pequenos, impotentes, frágeis, dependentes e invejosos.

E é este o espírito derrotista e passivo que adoptamos perante o que vemos do exterior. Falta-nos paixão e sonho de lutar em Portugal para inverter a situação em que julgamos estar. Há que salvaguardar os valores que nos foram sendo inculcados de gerações em gerações para uma pátria forte, confiante e dinâmica que projecte Portugal pelo que somos enquanto nação e não pelo que parece melhor.

É necessário que se apele a uma maturidade ao lidar com a mudança e com o progresso, não recorrer logo à subvalorização nem ao glorificar cego dos outros ao ponto de adoptarmos as suas metodologias de forma imprudente. A moderação é imperativa, daí ser vantajoso e positivo aceitar, receber e lidar com o “além fronteiras” sem nunca perdermos a verdadeira essência de ser portugueses. **Joana Gomes 12º2**



educar para as artes

Educação plástica no 1º ciclo

Isabel Montalvão e Rita Coelho Professoras de Expressão Plástica do 1º ciclo

Máscaras de Carnaval produzidas pelos
alunos do 1º ciclo (Fev. 2010)



Trabalhos para o Dia do Pai 2010



No Colégio, a Expressão Plástica tem uma longa tradição sendo a Educação pela Arte uma constante, desde que M^a Manuela Valsassina criou os Ateliers, em 1959.

A partir dessa altura sempre se privilegiou a expressão livre da criança, que, através da pintura, desenho e modelagem, representa o que sente e vê do mundo.

No dia 16 de Outubro, Dia Mundial da Alimentação, realizou-se no Colégio uma Feira que resultou de pesquisa e trabalho feitos por todos os alunos do 1º Ciclo, quer em casa quer na escola, nas diferentes Áreas Curriculares.

Depois de uma ida ao mercado, que foi importante para que os alunos pudessem ver os produtos, os vendedores, as cores e os cheiros, fizeram no *atelier* trabalhos colectivos a óleo pastel.

Verifica-se assim que, apesar de haver por vezes um tema, as crianças continuam a ter lugar para a sua livre expressão, sendo o papel do Educador orientar e pôr à disposição das crianças materiais e espaços que favoreçam a criatividade.

Ao longo do ano vão surgindo vários temas, uns têm que ver com assuntos abordados na aula, outros com visitas de estudo e ainda outros com datas festivas do calendário (Carnaval, Páscoa, S. Martinho, etc). Um dos últimos trabalhos a ser desenvolvido no *atelier* foi o Carnaval. Os alunos fizeram as suas máscaras, em cartolina, com relevo em pasta de papel, pintadas com guache e enfeitadas com purpurinas, penas, etc.

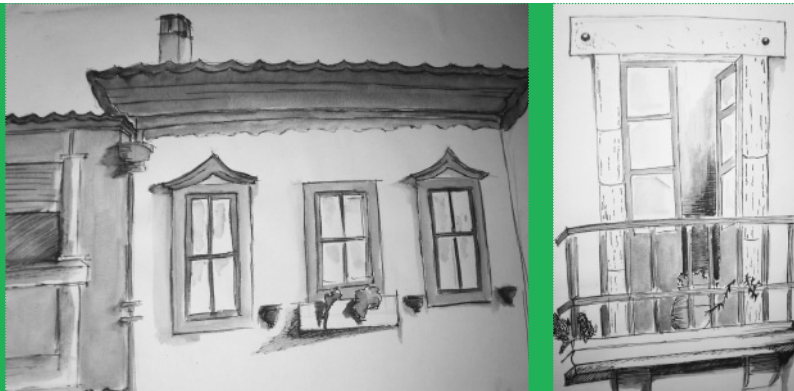


educar para as artes

0 desenho na arquitectura

Mafalda Simas Professora de Desenho

Desenhos executados pelos alunos do 12º 5, na disciplina de Desenho, realizados no local (*in situ*).



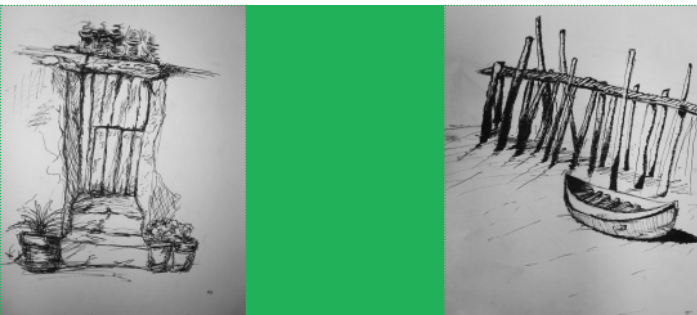
Em arquitectura dizer que o desenho é tudo é uma meia verdade, ou verdade nenhuma. Em arquitectura a Arquitectura é tudo.

“0 Desenho é a procura da inteligência

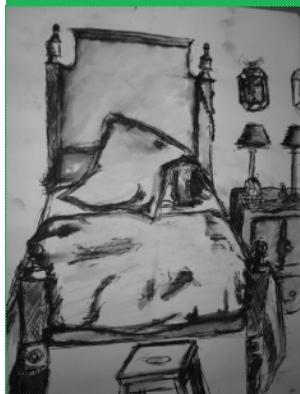
Álvaro Siza Vieira



Quando se pede a um aluno para analisar o espaço, imediatamente este pega num lápis e começa a registar o que vê, sente, cheira ou mesmo ouve; parece estranho, mas através do desenho é possível transmitir estas sensações.



Se entendermos a arquitectura como uma experimentação do espaço no tempo, vivida com todos os sentidos será difícil ou mesmo impossível, substituir a sua linguagem própria de expressão.



Dito assim, onde é que fica o desenho, essa ancestral linguagem de expressão humana? Não é ela importante no fazer arquitectura?



Claro que sim. Ainda hoje, o desenho é uma das ferramentas da arquitectura, confunde-se com a própria, tal a proximidade da linguagem meio (o desenho) com a linguagem fim (a arquitectura).

A socialização através da música

Sara Borja, Vanessa Freitas e Isabel Vasconcelos

Professoras do Grupo de Expressão e Educação Musical



Orquestra de Boomwackers

A música, com maior ou menor intensidade, está na vida do ser humano, desde o útero materno até ao último dia de vida. É uma forma de arte que desperta emoções e sentimentos aos quais todos nós somos sensíveis. A partir dela, podem-se alcançar diversos objectivos como: melhorar a linguagem, a coordenação, a percepção auditiva e rítmica, a orientação espaço-temporal, o equilíbrio e, principalmente, a comunicação. O ritmo e a melodia das canções e músicas impelem as crianças ao movimento, a uma maior actividade cerebral, além de melhorar ou acelerar o seu desenvolvimento educacional.

A música, quando bem trabalhada, desenvolve o raciocínio, a criatividade e outras aptidões, por isso, deve ser aproveitada em todos os âmbitos educacionais, dentro e fora da sala de aula.

O objectivo deste artigo é mostrar que a música não é apenas uma sucessão de sons organizados, mas sim, um rico instrumento que pode fazer a diferença nas instituições de ensino, pois ela desperta o indivíduo para um mundo de prazer e satisfação que facilita a aprendizagem e também a socialização do mesmo.

Ao longo dos tempos a música tem vindo a evoluir, a modificar-se, adaptando-se às novas sociedades e aos gostos de determinados grupos socioculturais. Certos estilos de música estão directamente relacionados com determinadas filosofias, crenças e formas de pensar, criando nos indivíduos sentimentos de unidade e de pertença. Não é por acaso que a maior parte dos movimentos culturais estão, directa ou indirectamente, relacionados com um estilo musical.

Na Pré-História o Homem utilizava a música para os rituais de passagem à vida adulta; na Grécia Antiga fazer parte de um grupo coral era um importante factor de socialização do indivíduo; na Idade Média, as notícias eram cantadas pelos jograis e trovadores; muitos Reis tinham ao seu serviço orquestras e compositores de grande relevo; a ópera era um evento social de grande importância nos séculos XVII, XVIII e XIX.

A música está presente em todos os momentos marcantes da vida das pessoas, nos aniversários, casamentos, baptizados e, em certas sociedades, nos funerais. Em quase todas as religiões crê-se que se comunica melhor com os deuses através da música... É um sem fim de situações que, ao longo da História da Humanidade, comprovam que a música é um importante factor na socialização do indivíduo.

Em contexto escolar, a maior parte das actividades de expressão musical têm como objectivo geral a promoção de uma socialização equilibrada que se fundamenta na partilha de momentos agradáveis e na promoção do respeito pelo outro.

Especificamos aqui algumas actividades realizadas no âmbito da Expressão e Educação musical que promovem a socialização:

● **Cantar canções:** os alunos aprendem a ouvir-se e a ouvir os outros, ajuda na dicção dos fonemas e trabalha o vocabulário;

- **Tocar instrumentos:** os alunos aprendem a esperar pelo seu momento de tocar, respeitando o trabalho dos outros;
- **Compor e improvisar:** desinibe, cria e reforça a auto-estima e auto-confiança, os alunos aprendem a respeitar as ideias dos outros;
- **Dançar:** evita o surgimento ou o reforço de preconceitos (“os rapazes não dançam”, etc.), os alunos aprendem a comunicar através do corpo, a controlar o seu próprio corpo e a entender e respeitar o corpo do outro;
- **Ouvir diferentes tipos de música:** promove o auto-conhecimento, os alunos desenvolvem a sensibilidade, aprendem a verbalizar sentimentos, a reconhecer que os outros podem ter sensações diferentes das dele, a respeitar formas musicais alternativas às que ouvem habitualmente;
- **Parceria de treino instrumental (flauta):** promove a solidariedade, a entreaajuda, o respeito pelo outro e a responsabilidade.

No nosso Colégio, para além das actividades musicais curriculares (Expressão e Educação Musical), os alunos têm a oportunidade de fazer parte de grupos musicais como a Orquestra de Cordas, Coro Rock, Teatro Musical, Orquestra de Boomwackers e Grupo de Guitarras, para que a socialização através da música seja ainda mais eficaz.



**Orquestra de cordas
Grupo de flautas**





Todo este percurso definiu muito daquilo que sou hoje e quando penso nisto há um sorriso interior de orgulho que é quase incontrolável.

Clara Gameiro Pais. Licenciada em Gestão pela Universidade Nova de Lisboa em Fevereiro de 2010. Aluna do Colégio de 1991 (infantil 3 anos) a 2006 (12º Ano).

Uma bela experiência para a vida

Margarida Calais Professora de Ballet

No início de Fevereiro de 2010 enviei para casa pela mão das alunas de Ballet a inscrição para o exame da Royal Academy of Dance, instituição dirigida ao ensino da Dança no Mundo, com sede em Londres. Através do seu método de ensino, criado por bailarinos, psicólogos e pedagogos em conjunto num trabalho específico dirigido às respectivas faixas etárias a partir dos 3 anos até cerca dos 18 anos (Avançado 2), a RAD divulga, promove e desenvolve o ensino da Dança de forma sistemática, já que ao longo da aprendizagem os alunos vão avançando passo a passo, ano a ano, exame a exame.

À semelhança de outras instituições dedicadas ao ensino, por exemplo das línguas, ou da música, a RAD estabelece exames tipo para o fim de cada fase, para que os alunos possam demonstrar o que sabem sobre a matéria que aprenderam.

Neste caso, a Dança, como Arte performativa que é, necessita de toda uma circunstância que lhe é característica: um palco e um público. Assim os alunos depois de se prepararem para a apresentação final (exame neste caso) fazem--no um dia perante os seus convidados (familiares e amigos) e noutro dia perante a Examinadora que a RAD envia ao local de exame para avaliar este trabalho, de forma uniformizada nos 80 países em que está presente.

Venho desta forma expor o que representam os exames de Ballet da RAD aos quais proponho as minhas alunas. Não só eu mas todas as professoras associadas à RAD que, como já referi, espalhadas pelo Mundo, dedicamos ao ensino da Dança um cuidado especial, já que este envolve não só uma vertente artística de expressão, comunicação, musicalidade e plasticidade, como também física. Como tal é fundamental que o professor de Dança esteja preparado para ensinar a técnica de dançar sem causar lesões, desenvolvendo características musculares mais fracas e proporcionando um crescimento saudável às crianças, adolescentes e jovens que se submetem a esta prática.

Além das duas situações acima referidas (artística e física) existe uma outra que julgo também importante. Ao estarem na presença de um público e da examinadora as alunas expõem o seu trabalho, que devidamente preparado terá um resultado positivo, o que sem dúvida lhes devolverá uma auto-confiança e grande satisfação em ultrapassar uma situação de avaliação de forma gratificante.

Sem dúvida um momento inesquecível e que bela experiência para a vida!

Um sorriso incontrolável

Tudo começou no Colégio Valsassina com uma fitinha para o cabelo e umas sapatilhas cor-de-rosa tão pequenas que custa a acreditar que alguma vez as calcei. Tinha então 4 anos e apesar de quase não conhecer o mundo, apaixonei-me pelo ballet clássico. A verdade é que nunca mais parei de praticar sempre com dedicação e persistência, fazendo ano após ano os exames da RAD com os quais aprendi a superar-me, a acreditar em mim, a ter disciplina e a desenvolver capacidades que não conhecia.

educar para a qualidade e a excelência

Colégio Valsassina identificado como uma das melhores Eco-Escolas em 2009

Na sequência das visitas às Escolas por parte de equipas do Ministério da Educação/Direcção Regional de Educação de Lisboa e Vale do Tejo, efectuadas em 2009, o Colégio Valsassina foi identificado como fazendo parte do grupo das Eco-Escolas de QUALIDADE EXCELENTE na implementação do Programa Eco-Escolas.

O reconhecimento do bom trabalho desenvolvido pelas Eco-Escolas teve lugar através da entrega de um Diploma pelas mãos do Secretário de Estado do Ambiente, Humberto Delgado Rosa, durante a sessão de abertura do Seminário Nacional dia 22 de Janeiro, em Coimbra.

As 7 escolas com valores de avaliação na ficha de visita superiores a 95% foram: Agrupamento de Escolas de S. Roque e Nogueira do Cravo; CLIP; Colégio Valsassina (97%); EB1/JI de Caminha; Escola Básica de Jean Piaget; EB1 N.º1/JI João Villaret; EB2,3 dos Castanheiros.

Entrega do diploma pelo Secretário de Estado do Ambiente, Prof. Doutor Humberto Rosa.

Galardão Rede Climática Menção Honrosa 2009/2010

Os Galardões Rede Climática são uma iniciativa da Associação Portuguesa de Engenheiros do Ambiente e pretendem distinguir os melhores projectos nacionais na área das energias e alterações climáticas.

A categoria Escolas estava enquadrada nas Olimpíadas da Energia e Alterações Climáticas, um concurso no qual participaram alunos do ensino secundário de todo o país, incluindo os cursos profissionais. Na prova existiram duas fases eliminatórias: a primeira com uma prova de avaliação online de conhecimentos de carácter teórico; e uma segunda de carácter prático, com pequenos vídeos digitais até cinco minutos apresentando uma ideia inovadora ou fazendo referência a uma iniciativa relevante dentro da temática da Energia e das Alterações climáticas.

A finalíssima das Olimpíadas decorreu em Viana do Castelo, na qual foram apresentados os trabalhos finalistas das Olimpíadas. A equipa do Colégio Valsassina (Beatriz Costeira; Filipa Mendes; Margarida Costa; Rita Ferrito) foi uma das seleccionadas tendo apresentado o Projecto “A caminho de uma Low Carbon School”, o qual conquistou uma Menção Honrosa.

De referir que este projecto já tinha sido premiado na Edição 2008/09 das Olimpíadas do Ambiente, na categoria “Ambiente e Cidadania”, assim como a ferramenta de apoio ao cálculo da pegada carbónica foi reconhecida com o prémio de mérito no concurso “Escola da Energia”, promovido pela Galp e pela ABAE, em Junho de 2009.

Quadro de honra 1º P 2009 | 2010

5º ANO		
4696	Ana Rita Landeiro Filipe Sousa	5º B
3869	Ana Machado Luís	5º C
3946	Rita Teixeira Henriques de Miranda	5º C
3586	Sofia Matias Coimbra Martins	5º D
4706	Catarina Castro Gaspar Cortesão Correia	5º D
6º ANO		
3376	Mariana S. Espada Venâncio Carrasco	6º A
3393	Mafalda Viegas Dias Gomes	6º A
3466	João Francisco Pires Garutti Gonzalez	6º A
3467	Leonor Martins de Vasconcelos	6º A
3922	Miguel Micaelo Bengala	6º A
3747	Maria Francisca Telles Freitas Xara-Brasil	6º B
3751	Rita Lopes da Costa Marques Pinto	6º B
3875	Marta Filipa Velosa Zambujal Oliveira	6º B
4537	Joana Mira a. N. Castel-Branco	6º D
4567	Sofia Vassangi Hemrage	6º D
4569	Maria Soares de Almeida	6º E
7º ANO		
3800	Inês de Valsassina Teodósio Palma Felizardo	7º B
3538	Maria Lua Almeida Pinto da Palma Carreira	7º C
4344	Inês Carola cavaco	7º D
8º ANO		
3410	Carolina Madeira Fonseca	8º B
3924	Alexandra Domingos Reis Pereira	8º B
4173	Laura Lapa Marques da Costa	8º D
9º ANO		
3499	Filipa Veríssimo Choon	9º A
4105	Gonçalo Ribeiro Lopes Rodrigues Marta	9º A
10º ANO		
966	Diogo Tomás Cardoso Rezio Martins	10º 1
11º ANO		
3756	Ana Sofia Carola Cavaco	11º 1
4136	Marta Maria Magalhães da Silva	11º 1
4469	Ana Beatriz R. Pereira A. Costeira	11º 1
850	Rita Horta Correia F. Gaspar	11º 4
12º ANO		
893	Pedro Francisco de M. D. Baião Abraços	12º 1 A
3618	Jorge Miguel Aldinhas Ramos Ferreira	12º 1 A
1451	Ana Rita Clemente Ferrito	12º 1 B
3527	Ana Margarida Lapa Marques da Costa	12º 1 B
3626	João Francisco Lobato de Sousa	12º 1 B
1498	Pedro Eduardo Quadrado da Fonseca	12º 2
1028	Ana Cristina Martins de Jesus Lima Grilo	12º 2

educar para o multilinguismo

This cannot be!

Tiny rectangles with a small dot inside each, that was what Robert Hook saw through his rudimentary microscope. The petit tube through which Hook first saw the cells changed Biology forever and with it all the other sciences could win new horizons.

We reached the atom and with it we were able to create energy, clean and powerful energy, all that, just by dividing those small pieces from a larger puzzle. But no! We had to put it in a box and ship it to Hiroshima and no, our intention was not to share that technology, it was for such an evil purpose I am even ashamed to refer to, the genocide, yes genocide, that mankind lead against themselves.

This was the Past and it is still the Present but now it is time to plan the Future. A Future that in my opinion won't be as bright as it could be. We will have great technological breakthroughs like: flying cars, space ships, new energy sources, the cure for diseases like cancer and all sorts of devices first invented for fictional television shows or films like "Star Trek" and "Star Wars". Everything that we now believe will emend and we will be able to prevent all the wrong and the evil in our society. But again, I do not believe those great, great advances will make our world a better place because they won't be availed for everyone, in fact I believe the gap between developed and third world countries will increase at the same rate as the new technology will present itself, I do not know who will overcome whom, which countries will have access to the future and which ones will be stuck in the present but I am sure that there will be both and the difference will increase.

To prevent that future, mankind will have to make some changes. Corruption cannot be the way; taking advantage of the weakest cannot be the rule and most of all, science cannot be used in dreadful ways, it has to be used to improve our lives. We will all have to take a moment and rethink our values and reformulate our ethics and only then will I be able to rewrite this speech because what we are doing now can no longer be.

Bárbara Sales 11º1

Trabalho realizado no âmbito da disciplina de Inglês.



To prevent that future, mankind will have to make some changes.

educar para a comunicação



Entrevista a Mariza Nunes

Mariza dos Reis Nunes, 34 anos, era uma perfeita desconhecida há dez anos. Mesmo depois de ter entrado na casa de muitos portugueses através do programa de televisão de Herman José, na SIC, as editoras nacionais recusaram-se a reconhecer o seu talento e a assinar contrato com a fadista da Mouraria que nasceu em Moçambique. E até após editar o seu primeiro álbum *Fado em Mim*, em 2002, continuou a ser vista com desconfiança por parte de alguns meios fadistas e pela grande maioria da crítica. O certo é que, meia dúzia de anos depois, Mariza é a artista portuguesa com maior popularidade no estrangeiro, onde pisou o palco das mais prestigiadas salas do mundo, mais ainda do que era Amália, a sua maior inspiração no início da carreira. Beneficiou certamente do fenómeno *World Music*, representando uma nova geração de fadistas que nasceu, cresceu e vive rodeada de outras músicas e ainda maiores ambições. Presentemente, Mariza aceitou conceder-nos algum tempo para responder a diversas questões, no âmbito dos seus domínios profissional e pessoal, através das quais se procura elucidar o seu extraordinário percurso artístico.

Lembra-se da primeira vez que cantou?

A primeira vez que cantei tinha cinco anos. Sei que cantei o “Os Putos”, que foi o primeiro fado que aprendi. Nessa altura, não sabia ler e o meu pai fazia-me bonecos. Foi na taberna dos meus pais, ali à Mouraria. Nunca fiz percurso de casas de fado, uma vez que ia às associações e às taberninhas cantar. Mais tarde, comecei a sentir a necessidade de redescobrir outros géneros musicais. Quando andava no liceu, os meus amigos ouviam cantar outras coisas. De facto, cheguei a cantar coisas diferentes do fado, mas este estava sempre muito presente, porque sempre foi a minha paixão.

O fado, na altura em que iniciou a carreira, estava abandonado?

Não estava abandonado. Eu continuava a ouvir, cantava para mim, mas era incapaz de cantar para um público, porque sentia sempre que era incapaz de dar às pessoas aquilo que eu achava que era tão respeitável.

Com o surgimento de vários jovens fadistas pode falar-se de uma nova geração de fado?

O fado é uma música urbana que nasce em Lisboa. Como todas as músicas urbanas, elas movimentam-se conforme a sociedade respira. O fado que se ouvia em 1940 não pode ser o mesmo fado que se ouve em 2009. De facto, há uma respiração diferente, há um batimento diferente, as pessoas que cantam têm vivências diferentes, além de que temos hoje uma Lisboa diferente. O fado é uma música que canta os sentimentos da vida e aquilo que rodeia a nossa vida. Há o tradicional e há o que se cria de novo.

Por outro lado, também há cada vez mais pessoas jovens a gostar de ouvir fado. Como vê esse interesse?

Fico muito feliz que isso aconteça. Acho extraordinário. É um privilégio entender que há em Portugal este tipo de cultura. Quando comecei a cantar fado, não havia e quando fiz o meu primeiro disco as pessoas jovens que se interessavam pelo fado eram poucas. Nos últimos tempos assiste-se a uma geração jovem, que gosta de fado e que tenta cantá-lo.

Há anos que mantém a mesma imagem. Porquê?

Porque gosto, Frederico. Porque sou eu. As pessoas falam disso, mas eu sou fã de Maria Callas e outros grandes artistas como Nina Simone. Todas essas pessoas tinham a sua imagem de marca quando entravam em palco.

O palco é um momento único. Às vezes chego a pensar que vivo o dia inteiro para chegar aquele momento de cantar. Como é um momento único é como se fosse uma festa e quando se vai celebrar algo as pessoas vestem-se de acordo com essa celebração. Cada pessoa tem o seu estilo e a sua forma de estar.

Eu tenho este, é assim que me sinto bem e não é nada programado.

Voltando à gestão e organização da sua carreira...

Este ano, esteve nos Estados Unidos da América oitenta dias e fez quarenta e cinco espectáculos. Isso implica não apenas uma escolha criteriosa de onde vai mas também uma organização impecável de logística. Como é estar na estrada, nos Estados Unidos, por exemplo?

Nos Estados Unidos é muito difícil. Quase todos os dias acordo às seis da manhã. Quase todos os dias é um hotel diferente. Quando não se fazem as viagens de tour bus, que são aqueles autocarros com cama, a que eu costumo chamar apartamento com rodas.

Os Estados Unidos são quase um continente, com pessoas de características muito diferentes. Adapta o espectáculo ao público que pensa ir encontrar?

Não é o espectáculo que é adaptado. Mas quando chego a um teatro clássico, tento adaptar o concerto que trago ao espaço em que estamos. Um espaço assim, faz com que nós toquemos e eu cante de uma forma mais suave, mas a minha forma de aproximação também muda.

Sente diferença entre os concertos no estrangeiro e em Portugal?

Apesar de em Portugal existir um entendimento directo por causa da língua considero que esta não é uma barreira, uma vez que se torna possível o entendimento da mensagem que a música transmite mesmo quando não se fala a própria língua.

O fado, para si, tem sido a essência da música que canta, apesar de cantar outros estilos. Vai ser sempre assim ou está condenada ao fado?

O fado faz parte da minha vida, eu não posso fugir dele. Tanto que a música que eu hoje faço tem a essência do fado, uma personalidade própria. Mas o fado é uma música muito especial. É difícil fugir dele.

Gosta de música clássica? Tem algum compositor favorito?

Adoro. Tenho dois: Puccini e Bach, que possuem dois estilos absolutamente distintos.

E vai a espectáculos?

Raramente. Porém, vou tentar arranjar espaço na minha agenda para assistir ao concerto dos U2 que se realiza no próximo mês de Outubro.

Nunca pensa no que estará a fazer daqui a cinco anos, quer no plano profissional, quer no pessoal?

Obviamente que penso. Mas eu tenho uma vida tão preenchida, tão cheia, na qual todos os dias entram e saem pessoas... Sinto carinho de pessoas tão diferentes, a maior parte das quais nem conheço... Tenho o prazer de poder viajar e a minha vida é tão preenchida que, quando penso o que é que vou fazer daqui a cinco anos, já está alguém a chamar-me para cantar ou dar uma entrevista... que depois esqueço.

Frederico Vilante 10º1A Trabalho elaborado na disciplina de Português.

educar para a comunicação



Está com 82 anos. Quando olha para trás, que parte da sua vida lhe deixa mais saudades?

Alguma vez se veio a arrepender?

Mas ainda arranjava tempo para se divertir?

Entrevista a Eduardo Ribeiro Pereira

Eduardo Ribeiro Pereira nasceu em Sesimbra, em 1927. Ficou órfão de pai aos 2 anos e foi criado numa família muito humilde. Desde cedo se revelou incapaz de se satisfazer com a vida limitada da vila onde nasceu. Valeu-lhe uma bolsa de estudo que lhe permitiu custear o internato no Colégio Valsassina. Formou-se em Engenharia Civil pelo Instituto Superior Técnico. Desempenhou cargos de direcção técnica de grandes obras públicas e de gestão de empresas. Ocupou cargos em Governos do pós 25 de Abril, entre eles o de Ministro da Habitação e o de Ministro da Administração Interna. Foi deputado da Assembleia da República até à idade da reforma.

A tua pergunta, Maria, obriga-me a rever contigo o meu longo e, nalguns aspectos, distante passado. Não me lembro de alguma vez ter olhado para trás com a intenção de responder, a mim mesmo, a essa pergunta.

Como tu me acabas de chamar a atenção, a minha vida já vai longa. Preparate para essa longa viagem. Começamos. O conjunto da minha vida comporta cinco períodos distintos: o dos estudos de preparação para uma vida profissional exigente e digna – primários, liceais e universitários; o da vida profissional de engenheiro civil, que escolhi na viagem de camioneta, no dia em que me ia matricular, indeciso entre engenharia e medicina;

Não. Mas continuo seguro de que não me arrependeria também se tivesse escolhido medicina.

Mas voltemos à estrada. O período da vida de gestor empresarial; o da vida política; e, por último, a vida livre, de reformado.

Considero que, no seu conjunto, o período escolar foi agradável, interessante, com responsabilidades ligeiras. Foi um período da maior importância para perceber os falhanços e para alcançar os êxitos dos outros períodos. Tive grandes dificuldades, sobretudo porque as enormes dificuldades económicas da minha família me impuseram o recurso a bolsas de estudo. Como ainda hoje sucede, os alunos que têm bolsas devem justificar esse privilégio com classificações académicas elevadas para não verem recusadas as bolsas.

Claro! Mais tarde senti que, com a vida académica, se tinham acabado as “cowboyadas” que, neste período, fizeram as minhas delícias.

Com o período da vida profissional iniciaram-se as experiências mais duras. Com a constituição da família e a criação e educação dos filhos, com os grandes “desafios” e as grandes dificuldades para garantir uma posição de prestígio na comunidade dos engenheiros civis. Dirigi a construção de grandes obras no continente, nos Açores, no norte de Espanha e em Moçambique. Terminei este período com um convite que me fizeram para “reger umas cadeiras” na escola onde me havia formado em engenharia, o IST.

O período de gestor levou-me, em anos sucessivos, à administração de várias sociedades, uma das quais em Angola, à administração de um Banco e, posteriormente, de uma grande Fundação sediada em Lisboa e com especiais acções sociais em Macau. É o período das grandes e consecutivas viagens. Foi um período de grandes responsabilidades e de tarefas muito interessantes.

Foi interrompido quando fui convidado para integrar um governo provisório, num dos períodos politicamente mais complicados do pós-25 de Abril.

É nessa altura que entra para a política?

Sim. Iniciou-se, aí, o período da minha vida política que prosseguiu com outras experiências governamentais e com cerca de duas dezenas de anos como deputado. Foi um período de enormes responsabilidades, obrigado a estar, permanentemente, em “palco”, sem tempo para a família e sem vida pessoal.

Logo que me foi possível, saí voluntariamente de cena, reformei-me e passei a ser livre.

Como pudeste perceber nestes períodos de vida tive anos agradáveis, com tarefas interessantes, com mais ou menos dificuldades, com mais ou menos responsabilidades, com algumas cowboyadas, com muitas viagens, com bastante tempo de palco político.

Mas ainda não respondeu à minha questão!

Tens razão. Achei que devia dar-te uma ideia da minha vida antes de responder. Pode parecer-te estranha a minha resposta, mas é minha convicção profunda que, olhando para trás, depois de ter vivido uma vida tão intensa, saudades só tenho do tempo em que ensinei no Instituto Superior Técnico.

Como conseguiu conciliar a vida política com a de pai de família?

Logo que abandonei a vida política, esforcei-me por esquecer o como o tinha conseguido, afinal, à custa do sacrifício de outros. Tive duas valiosas ajudas para o ter conseguido. A primeira, a imprescindível, foi-me dada pela tua avó Liu que sofria em conjunto comigo as minhas dificuldades nos governos, as minhas dificuldades na Assembleia e as críticas que me faziam, muitas delas justas, partilhando muito pouco dos meus sucessos. A segunda ajuda foi-me dada pela tua mãe e pelas tuas tias e tios. Aconselho-te que os entrevistes.

Se era bem sucedido como gestor, por que razão quis entrar no mundo da política?

Não é certo que eu tenha querido entrar na política. Em 1975, quando o convite me foi feito, viviam-se, ainda, dias de grandes dificuldades. Ainda não havia passado um ano sobre a Revolução dos Cravos. Muitos pensavam como eu. Para ajudar os que tinham feito o 25 de Abril, para participar num “governo provisório” que se constituía para o consolidar, eu deixaria qualquer que fosse a situação em que me encontrasse.

Depois de entrar e dar o meu melhor contributo, saí oito anos depois, mas voltei “a ser agarrado”. Dezoito anos depois saí pelo meu pé, definitivamente.

Se lhe fosse concedido um desejo, o que escolheria?

Agora, com a experiência dos vários períodos que vivi, gostaria de viver mais oitenta e dois anos.

Acha que a passagem pelo Valsassina foi determinante no seu futuro?

Completamente determinante. O Valsassina foi a minha casa, a minha Escola, onde eu ganhei um grande grupo de amigos e a melhor formação para a vida com que eu podia sonhar. Não tenho dúvidas nenhuma que eu teria sido outro, com uma vida mais difícil e, sobretudo, a minha contribuição para a sociedade e para o meu país teria sido diferente e menos significativa.

Maria Gonçalves 10^ªIA Trabalho elaborado na disciplina de Português.

educar para o futuro

Fórum de Orientação Profissional O encontro de várias gerações

Olga Gamboa Gabinete Psico-pedagógico

No âmbito do Programa de Orientação Vocacional 2009/2010 para o 9º Ano de escolaridade decorreu, em Novembro e Dezembro de 2009, o “Fórum de Orientação Profissional”, que consistiu na apresentação de Cursos Superiores e Profissões, por antigos alunos do Colégio, de gerações diferentes, mas relativamente próximas das dos actuais alunos.

A preparação do evento começou logo no início do Ano Lectivo. Durante a 2ª fase (aplicação de provas de Orientação Vocacional), do programa supra referido, os alunos deram o seu parecer relativamente às profissões que gostariam de ver representadas no Fórum. Após a análise das mesmas foi realizada uma pesquisa na base de dados dos antigos alunos, no sentido de seleccionar os que ainda frequentam a Universidade ou que já exercem profissões da preferência dos actuais alunos de 9º ano.

O início dos contactos implica, na maioria das vezes, ligar para os Encarregados de Educação (E.E.) dos antigos alunos para que, desta forma, se obtenha o contacto directo destes. E logo começam as reacções positivas dos E.E. ao receberem uma chamada telefónica do Colégio: “que bom se terem lembrado do(a) meu filho/minha filha... temos tantas saudades de ouvir alguém do Colégio que foi tão importante para nós...” e o contacto é imediatamente facultado. Nesse momento ficamos com notícias do percurso académico e da carreira dos respectivos filhos, que constitui algo muito importante para nós.

O primeiro contacto com os antigos alunos é muito emocionante uma vez que alguns são “apanhados” de surpresa e ficam muito admirados e lisonjeados com o convite. Quando é possível concretizar a participação no Fórum (nem sempre fácil porque a disponibilidade dos convidados nem sempre coincide com as tardes de uma semana de trabalho pré-estabelecidas para o Fórum) é enviado um guião para que seja elaborada a apresentação de acordo com as necessidades de informação do nosso público-alvo. Durante a preparação das apresentações os oradores vão trocando informações com o Gabinete Psico-pedagógico com o intuito de esclarecer e ajustar alguns pormenores.

No presente ano lectivo, o evento decorreu no final do 1º Período, quando todos os alunos já tinham terminado as provas de Orientação Profissional, ao contrário dos anos lectivos precedentes em que ocorreu no final do 2º Período, após a finalização das entrevistas individuais. A experiência deste ano pareceu-nos vantajosa, na medida em que conseguimos despertar mais cedo os alunos para a exploração da informação sobre cursos e profissões. Ao analisarem os seus perfis vocacionais na entrevista individual (5ª fase do Programa de Orientação Vocacional) conseguiram utilizar informações transmitidas nas conferências, facilitando a sua tomada de decisão vocacional.

Dos vários tópicos que constam do Guião fornecido pelo Gabinete Psico-pedagógico aos oradores, aquele que foi mais referido e que despertou bastante a atenção dos alunos foi o seguinte: “De que forma ter sido aluno do Colégio contribuiu para a minha formação académica, profissional e pessoal.”

**“De que forma
ter sido aluno do
Colégio contribuiu
para a minha
formação
académica,
profissional
e pessoal.”**

Algumas das respostas dos antigos alunos a esta questão foram:

“O Valsassina foi-me essencial na construção de bases pedagógicas, que me permitiram assimilar, interpretar e desenvolver conhecimentos ao longo de todo o meu trajecto académico. Dentro e fora do Colégio foi uma base de sustentabilidade na minha constante procura por aprendizagem, seja ela académica, pessoal ou profissional.

A educação com que fui brindado no Colégio faz-me, cada vez mais, sentir um verdadeiro privilegiado”. João Gonçalves

“O Colégio Valsassina foi, sem dúvida, uma das mais-valias na minha carreira profissional e formação académica. Consegui obter bases educacionais e de formação que me ajudam todos os dias. Esta base alarga-se também à formação pessoal, que foi em muito influenciada pelo Colégio. Ainda hoje a maioria dos meus amigos estudaram comigo no Colégio.

Existe da minha parte uma forte ligação com esta instituição, que sempre que me convidam para participar em alguma actividade, faço os impossíveis para participar. Penso que se tivesse estudado noutro estabelecimento de ensino, e residindo neste momento no Algarve, não viria a Lisboa participar num Fórum de Orientação Profissional, se não fosse pelo Colégio Valsassina”. Pedro Alves

“Noto as maiores influências dos 15 anos em que fui aluno do Colégio na capacidade de trabalho. Acho que não aprendemos mais em quantidade por sermos alunos do Colégio. Antes, aprendemos melhor, aprendemos a pensar, a reagir, a trabalhar. E são estas competências que assumem um papel fundamental no futuro. Acrescenta-se a isto um sem número de oportunidades a que os alunos do Colégio têm acesso e que só quando se deparam com “o mundo lá fora” se apercebem de que não são dados adquiridos. Num exemplo simples, passa, entre outros, pela qualidade das infra-estruturas de trabalho que são colocadas à nossa disposição ou dos apoios que temos. Ser aluno do Colégio é aprender a respeitar uma comunidade, uma instituição.

É estar assente, manter e transmitir aquilo a que nos habituámos a chamar o “espírito Valsassina” e que é mais que uma frase feita. É uma cultura de entajuda, de trabalho em conjunto com objectivos comuns, de tolerância, de respeito pela sociedade, de perfeita articulação das componentes académica, familiar, educativa e lúdica que uma escola deve comportar. Ser ex-aluno do Valsassina é levar consigo valores, competências e saberes que nos diferenciam da maioria.”

António Grilo





“... Quando entrei no Colégio, tinha 10 anos, e sabia que ia iniciar uma etapa marcante no meu percurso, no entanto, não tinha a consciência sobre quanto iria influenciar a minha personalidade e forma de estar na vida. Ao longo do tempo que lá estive, para além de brincar, conhecer novos professores, colegas e fazer amigos, percebi que ser exigente com o nosso trabalho, ser aplicado, mostrar dedicação e apreço em tudo o que fazemos, pode dar os seus frutos...

O Colégio ensinou-me que devemos procurar ser sempre os melhores, sermos determinados nos objectivos que pretendemos atingir, mesmo que para isso tenhamos que errar por vezes, para aprendermos com isso. Posso não ser brilhante em tudo (afinal sou humana), mas se hoje sou uma pessoa determinada e por vezes teimosa nas minhas convicções, devo-o em parte à experiência académica no Colégio... O Colégio foi de facto um pilar na minha formação, uma mais-valia na minha vida profissional, mas foi sobretudo marcante na minha personalidade e forma de encarar as dificuldades.” **Mafalda Cardoso**



“Guardo as melhores memórias dos 14 anos que estive no Colégio, entre 1988 e 2002. Poderia referir a forma como o espaço físico - a quinta, os vários recreios - incendiou desde sempre a minha imaginação e criatividade, em brincadeiras e correrias que me parecem decorrer sempre numa longa e soalheira tarde de Verão com cheiro a eucalipto e um enorme sentimento de saudade... Mas o aspecto capital que devo ao Valsassina são as amizades que forjei em criança e que nunca me abandonaram: confidentes, aliados, parceiros de negócios e de aventuras, o meu grupo de amigos e amigas do Valsassina tem prosperado ao longo das décadas e transformou-se no melhor grupo de apoio de que todos usufruímos no nosso dia-a-dia.

Sinto-me honrado em fazer parte da história do Colégio, e observo no quotidiano as mais-valias que uma educação “Valsassina” me deu face a tantos outros com quem me cruzei na universidade e no mundo do trabalho: educação, civismo, saber estar e espírito de trabalho.”

Manuel Nina

educar para a solução de problemas

**A nossa
memória é
aquilo que os
outros nos vão
questionando
e nós vamos
lembrando
e debitando no
imaginário de
cada um.**

A memória, a escola e a memorização

Augusto Moura Brito Professor de História e de TIC

Hoje é dia de...

Olha!... Não me recordo bem do nome, nem sei se hoje... é mesmo esse dia... dia de Ss. ...

Uma vez mais me esqueci do dia. Esquecido como ando, até o nome do meu irmão Zé não recordo completamente. Sei que não é idêntico ao meu, porque o seu padrinho assim o exigiu...

Recordei-me! Hoje, afinal é dia de Sto António. Sim! Aquele de Lisboa, porque o de Pádua fica longe e a minha memória já não dá para muito mais.

Quaisquer que sejam os lapsos que persistam a nível da informação, muitas vezes resultante das interferências que os vários registos são alvo, parece-nos razoável erradicar definitivamente aquele paradigma de que a memorização não é uma estratégia cujo aprendizado não é sólido, durável e consistente.

Considerando a memória humana como o "...conjunto de mecanismos biológicos e psicológicos que permitem a codificação, o armazenamento e a recuperação das mais diversas informações, quer seja para uso imediato quer para serem utilizadas posteriormente..." (Lieury, 1997), queria afirmar que, quaisquer que sejam as propriedades, as funções, a tipologia e os sistemas de memória, jamais poderemos aprender o processamento e organização do fluxo informativo que a sociedade, enquanto organismo e a escola enquanto instituição, nos ajudam a inculcar.

A nossa memória é aquilo que os outros nos vão questionando e nós vamos lembrando e debitando no imaginário de cada um. Talvez por isso, se torne fundamental que a aprendizagem e a memorização não se dissociem da escola, e continuem a ser aquela memória – viva de ensino e prazer de aprender, como Aristipo de Cirene, discípulo de Sócrates que no século V a. C. colocava o bem supremo no prazer.

Com mais ou menos reflexão, será a evidência daquele prazer que mostramos e aquela motivação que exteriorizamos, quando atribuímos à memória e à aprendizagem funções de estratégia organizacional e facilidade de ensino da informação. Será afinal o prazer de recordarmos aquela escola instituição que nos acolheu e ensinou mais a memorizar do que a compreender. Para onde caminhamos hoje?

Com a implementação nas nossas escolas de uma vastidão de experiências pedagógicas, associadas e conjugadas com a utilização das novas ferramentas que constituem e já vão fazendo parte da utensilagem de muitos pedagogos, estamos cientes de que hoje o ensino se direccionará e suportará num currículo, cuja base assentará nas competências e habilidades focalizadas na construção e desenvolvimento dessas mesmas competências e habilidades; numa metodologia activa dando enfoque à solução de problemas e baseada em projectos; e, por último, numa avaliação onde a forma se baseie na observação constante do aluno e do foco centrado no desenvolvimento de competências.

Colégio em acção



25 Fev. - Dia Electrão: Os alunos foram os agentes de recolha e deposição de REEE

Colégio Valsassina é Escola-Electrão 2009/2010

Os resíduos de equipamentos eléctricos e electrónicos (REEE) constituem o tipo de resíduos com o maior crescimento na União Europeia. Cada cidadão europeu gera, em média, 14 quilogramas de REEE por ano.

Um dos problemas associado ao fluxo dos REEE é a presença de substâncias perigosas para o ambiente e a saúde (arsénio, chumbo, cádmio, crómio, mercúrio, entre outros).

O Projecto Escola-Electrão, promovido pela Amb3E, com a colaboração do Ministério da Educação, pretende sensibilizar a comunidade escolar para o correcto encaminhamento dos REEE.

Integrado no projecto ecoValsassina o Colégio é, em 2009/2010, uma “Escola Electrão”. Como tal, entre 22 de Fevereiro e 12 de Março decorreu uma campanha de recolha de REEE.

Rede SEA-UNESCO Parceria com Escolas de Cabo Verde

Partilha de experiências, de culturas, de vivências.... Este é o ponto de partida para desenvolvimento de uma parceria com algumas escolas de Cabo Verde. Num processo coordenado pela Comissão Nacional da UNESCO desde Maio de 2009 que têm sido estabelecidos contactos tendo em vista o desenvolvimento de trabalho conjunto.

Neste momento já estão definidas as escolas que estarão envolvidas neste processo, sendo que estamos a trabalhar para elaborar um projecto comum.

A área do Ambiente e da Cidadania serão os temas base para o trabalho a realizar, que se pretende ser dirigido para os três pilares da sustentabilidade: vertente ambiental, social e económica.

Contamos dar mais notícias na próxima edição da Gazeta Valsassina.

Por sua vez, três escolas parceiras da rede SEA-UNESCO em Cabo Verde precisam da nossa colaboração para equipar as suas bibliotecas.

Todos podemos contribuir com: Livros; Manuais escolares; Publicações diversas; Jogos didácticos; Outros recursos educativos.

As escolas carenciadas são a Escola Secundária de Chão Bom, Tarrafal, a Escola Secundária dos Mosteiros, Ilha do Fogo, e a Escola S.O.S. (EB1) na Praia.

Os materiais recolhidos destinam-se a alunos do 1º ciclo até ao secundário.

Esta campanha está em vigor este ano lectivo. Todos os materiais podem ser entregues no átrio do Liceu.

Restauro da Capela do Colégio

Está a decorrer o restauro dos frescos da abóbada da capela, bem como dos vitais e azulejaria datada do início do Séc. XX. Estas obras estão a cargo da Fundação Ricardo Espírito Santo, sendo que a parte de construção civil é da responsabilidade da empresa Matias e Ávila.



**Cuba,
bienvenidos
a Cuba!**

Cuba 2010, Viagem de finalistas do 12º ano

Um até já...

A verdade é que as aulas custam sempre a passar. Os dias são longos e cada período parece maior do que o anterior. Mas existiu uma coisa que nos ajudou a aceitar o passar do tempo. Uma palavra capaz de suscitar todo o interesse, excitação, ansiedade e muita vontade. Um assunto que durante meses alimentava o nosso sonho e que nos últimos dias era o único tema de conversa.

A nossa viagem de finalistas era aquele ingrediente mágico que nos dava energia para acordar cedo e ir para as aulas, faltando menos um dia para o tão desejado 13 de Fevereiro.

Cuba, bienvenidos a Cuba!

A verdade é que o sol (ainda que um pouco envergonhado), a praia, as águas mornas, as cores e os ritmos cubanos fizeram da nossa semana algo mais especial do que tudo o que podíamos ter sonhado e ansiado. Mas o mais especial, éramos nós e a nossa vontade de ali estar. A vontade que nos permitiu querer fazer de cada dia o melhor. Uma vontade ilimitada de viver, de experimentar, de conversar e partilhar momentos que todos vamos guardar na nossa caixinha de memórias. No fundo tínhamos a vontade de transformar aquela semana no resultado de todos os bons momentos e boas amizades que a escola nos ajudou a construir e que, agora no 12º ano, vivem o seu grande apogeu. Tínhamos vontade de ter muita, mas mesmo, muita vontade!

O ambiente que nos envolvia fascinava. A excursão a Havana deu-nos a conhecer Cuba. Cuba não é só, ou não é na sua essência, o que víamos no nosso hotel. Nas ruas sentimos a cultura do povo cubano, extremamente marcado pelo tempo e por personagens revolucionárias. Um misto de pobreza e muitas carências com uma enorme dedicação à vida, um empenho pela educação, um apreço pela cultura e um fascínio pelo que vem de fora. Muita energia em cada cor e cada expressão ritmada por salsas e merengues. Carros que marcam épocas, assinalam a pobreza e o escudo colocado ao avançar do tempo. Um país isolado em si mesmo, dentro do que tem de bom e menos bom. Mas o que para eles é o normal para nós é uma viagem pelo puro vintage. Deliramos com os carros, com as casas coloridas, com os livros antigos, com as paredes escritas por viajantes, com as extravagâncias das pessoas que andam pelas ruas e com cada bocadinho de Cuba. Voltámos para o hotel com a certeza de que agora viveríamos o resto da nossa semana com alma cubana.

A despedida é sempre dolorosa. O adeus a Cuba fez-nos recordar o que está para breve. O dizer adeus ao secundário e ao colégio e um até mais logo a muitas amizades e recordações. Mas sabemos que o que trouxemos connosco consegue ser mais rico do que tudo o que vivemos. Trazemos as recordações e guardamos no coração os momentos e as pessoas. Relembraremos com muita nostalgia cada palavra. E daqui a um uns anos, quando abrirmos a gaveta das fotografias, vamos ser assolapados por aquela serpente que é a nostalgia e vamos voltar a sentir tudo o que fez parte de um dos maiores momentos das nossas vidas. Despedimo-nos com aquela música que ouvíamos a toda hora e escutávamos em cada momento.

“Si te vas...”, mas na verdade isto não foi uma despedida, foi apenas um até já! Até já Cuba! **Beatriz Caetano Bento 12º5**





Aconteceu

Campanha de Natal 2009

A campanha do natal de 2009 destinou-se à APF de Marvila. Foi com enorme êxito que entregámos a esta associação bens para bebés.

XII Encontro de Jovens Cientistas das Escolas Associadas da UNESCO

Entre 13 e 16 de Janeiro realizou-se, em Santarém, o XII Encontro de Jovens Cientistas das Escolas Associadas da UNESCO. O Colégio esteve representado pelos alunos José Patto (12º1A), Rita Ferrito (12º1B) e pelo prof. João Gomes.

«Biodiversidade pela Sustentabilidade» foi o tema central deste encontro que contou com a presença de escolas de Portugal, Espanha, Andorra e um estabelecimento de ensino dos EUA. Foi uma iniciativa muito rica em experiências e partilha de ideias pois todos os alunos presentes apresentaram uma comunicação relativa a um projecto/acção desenvolvida na sua escola, as quais foram divididas em três áreas: Evolução, Biodiversidade e Sustentabilidade; Sustentabilidade, Saúde Pública e Luta Contra a Pobreza; Áreas Protegidas e Manutenção da Biodiversidade

Conferência com a Investigadora Elvira Fortunato

No passado dia 13 de Janeiro teve lugar a segunda conferência do Ciclo “Eu, a Ciência e a Sociedade”.

Desta vez a convidada foi a Prof. Doutora Elvira Fortunato, Investigadora e Professora da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa, que dinamizou uma sessão intitulada “A importância das nanotecnologias na sociedade”.

A Professora Doutora Elvira Fortunato é pioneira a nível europeu na área da electrónica transparente e co-inventora do 1º transistor e memória de papel. Tem sido reconhecida e galardoada com diversos prémios dos quais se destacam o Prémio Inovação 2008 e o 1º lugar nos “Green Awards” 2009.



Sessão com Dra Rita Antunes (Quercus) sobre a Cimeira de Copenhaga

A turma do 12º 2 convidou a Drª. Rita Antunes (QUERCUS) para dar uma aula de Economia do dia 29 de Janeiro. Esta aula teve como tema: “A Cimeira de Copenhaga e os seus efeitos no mundo”.

O Protocolo de Quioto, assinado em 1997 e que expira em 2012, prevê a redução média das emissões de gases com efeito de estufa (GEE) em 5,2 % até 2008–2012, em relação aos níveis de 1990. Nesta sessão os alunos tiveram oportunidade de discutir os vários instrumentos económicos no quadro do protocolo de Quioto e de analisar possíveis soluções para este problema global.



Exposição <<Tabela Periódica>>

Durante o mês de Janeiro, esteve em exposição no átrio do Liceu uma exposição de trabalhos de alunos do 10º1A e 10º1B sobre a Tabela Periódica, elaborados para a Disciplina de Física e Química.

Encontro com o escritor António Mota

No passado dia 29 de Janeiro, o escritor António Mota visitou o Colégio Valsassina realizando 3 sessões com alunos de diferentes níveis de ensino.

Durante a manhã encontrou-se com os alunos do Jardim de Infância – 5 anos e com os alunos do 1º Ciclo.

Na parte da tarde os alunos do 5º ano puderam tomar contacto com este autor que tem uma bibliografia bastante extensa, sobejamente conhecida e bastante premiada.

Esta iniciativa serviu também de apresentação de mais um livro de António Mota. O livro “Clarinha”, editado pela Gailviro, é uma história tradicional recontada pelo autor.



XV Olimpíadas do Ambiente 2009/2010

Realizou-se no passado dia 14 de Janeiro a primeira eliminatória das XV Olimpíadas do Ambiente, um concurso que tem como principais objectivos incentivar o interesse pela temática ambiental e estimular a capacidade oral e escrita. Participaram 325 alunos do 3º ciclo e 8 do secundário. Destes foram apurados para a 2ª eliminatória, que se realizou dia 4 de Março:

– 3º ciclo (Gonçalo Lourenço; Diogo Monteiro; Manuel Galvão, os quais figuram entre os 200 melhores nacionais; e ainda, Vasco Diogo; Max Ferreira; Inês Clemente).

– Secundário (Frederico Vilante; Beatriz Costeira; Ana Catarina Nunes)

Ilustradoras encontraram-se com alunos do Colégio

No dia 5 de Fevereiro as turmas C e D, do 9º ano, participaram numa sessão sobre ilustração com Yara Kono. Esta ilustradora é também designer gráfica e desde 2004 faz parte da equipa da Editora Planeta Tangerina.

Neste encontro os alunos tiveram oportunidade de tomar contacto com técnicas de ilustração e observar vários dos trabalhos desenvolvidos pela ilustradora. Houve ainda a oportunidade de desenvolver um exercício prático...

As turmas A e B, do 9º ano, encontraram-se com a ilustradora Ana Sofia Gonçalves, artista plástica e professora de Artes no Colégio Valsassina. Esta ilustradora tem alguns livros ilustrados e bastantes exposições realizadas. Recentemente foi seleccionada para participar na Ilustrarte – Bienal Internacional de Ilustração para a Infância que decorreu no Museu da Electricidade.

Estas actividades serviram de lançamento da unidade didáctica de Ilustração de Fábulas – 9º ano.



V Olimpíadas de Biotecnologia 2009/2010

As Olimpíadas de Biotecnologia pretendem promover o conhecimento e o interesse pela temática da Biotecnologia nas suas múltiplas vertentes e a utilização do método científico na resolução de problemas.

A primeira eliminatória realizou-se no dia 24 de Fevereiro e contou com a participação de 48 alunos do Colégio Valsassina. Os três primeiros classificados foram: João Sousa (12º1B); José Patto (12º1A) e Catarina Pimenta (12º1A).

Programa “Nino e Nina” é divulgado como boa prática no Simpósio Nacional de Investigação em Psicologia

O Gabinete PsicoPedagógico (GPP) do Colégio Valsassina marcou presença no VII Simpósio Nacional de Investigação em Psicologia, que teve lugar nos dias 4, 5 e 6 de Fevereiro, em Braga.

A comunicação intitulada “Avaliação da Eficácia de um Programa de Desenvolvimento de Competências Sócio-Emocionais no Jardim de Infância” foi apresentada num simpósio coordenado pela Dr.ª Raquel Raimundo. O objectivo deste simpósio foi o de divulgar boas práticas de implementação e avaliação de programas de competências sócio-emocionais, em instituições educativas, em Portugal.

O programa “Nino e Nina” está a ser implementado nos 4 e 5 anos do Jardim-de-Infância, desde o ano lectivo 2008-2009, pela psicóloga Dr.ª Celeste Fernandes e pelas Educadoras. O programa tem vindo a ser alvo de avaliação de impacto e de processo. Os resultados relativos ao ano lectivo transacto revelaram que as crianças melhoraram significativamente a nível do auto-controlo, das relações com os pares, do comportamento académico e das competências sociais. O GPP está a implementar programas semelhantes, em regime experimental, em turmas seleccionadas no 1º, 4º e 8º anos de escolaridade.



Palestra AMB3E sobre reciclagem de Resíduos de Equipamentos Eléctricos e Electrónicos (REEE)

Um estudo recente da Associação Amb3E revelou que mais de 80 por cento dos portugueses não sabem como encaminhar para reciclagem REEE.

Integrado na campanha Escola Electrão realizou-se uma palestra sobre REEE e a importância da sua recolha. Esta sessão decorreu no dia 23 de Fevereiro e contou com a participação de cerca de 86 alunos do 6º e 7º ano.



Participação em Estudo Europeu

Nos dias 24 e 25 de Fevereiro decorreram no Colégio Valsassina testes de avaliação de competências linguísticas em Línguas Estrangeiras (Inglês e Francês). O Colégio Valsassina e mais 35 Escolas Portuguesas foram escolhidas para fornecer uma amostragem para um Estudo Piloto que envolve escolas de todos os países da Comunidade Europeia.

Os 50 alunos do 9º ano, escolhidos aleatoriamente, mostraram um elevado sentido de responsabilidade na representação do nosso país.

Escritor David Machado encontrou-se com alunos do Colégio

O Escritor David Machado foi o dinamizador de um encontro com alunos das turmas 9º B e 9º C, que se realizou no dia 25 de Fevereiro. Este autor foi o vencedor, em 2005, do Prémio Branquinho da Fonseca, ano em que também conquistou o terceiro prémio do concurso «Lisboa à Letra» do Pelouro da Juventude da Câmara Municipal de Lisboa com o conto “O Legado de Avelino”.



Campanha de Solidariedade com a Ilha da Madeira

Face aos dramáticos acontecimentos ocorridos na Madeira, o Colégio Valsassina solidariza-se com as suas vítimas. Assim, e durante a última semana de Fevereiro, realizou-se uma recolha de fundos destinados à AMI – MADEIRA, para que esta organização possa utilizar a nossa contribuição em função das necessidades que tiver.

Semana das Línguas 2010

Realizou-se, entre 1 e 5 de Março de 2010, a Semana das Línguas. Foram várias as actividades realizadas, envolvendo alunos desde o 1º ciclo ao 12º ano, entre as quais destacamos: concursos vários (trava-línguas; jogos didácticos; leitura, escrita criativa, “conta-me um conto”); exposição de trabalhos; encontro com escritores; e actividades na área da Educação e expressão musical (em inglês). Daremos mais informações na próxima edição da Gazeta.



Visita da escritora Maria Teresa Maia Gonzalez

Foi com grande orgulho e surpresa que acolhemos a notícia de que o livro “A Nova Escola” desta mesma escritora (Edições Paulinas) foi dedicado à Comunidade Educativa do Colégio Valsassina.

No dia 1 de Março, integrado na Semana das Línguas 2010, realizou-se mais um encontro com a escritora Maria Teresa Maia Gonzalez.

Sendo assim, a autora foi novamente convidada a visitar o Colégio, desta vez para dar a conhecer a sua nova Colecção O Espírito da Quinta. Participaram neste evento as turmas B e D do 7º ano.



Conclusão de estudos de Mestrado

O professor José Manuel Marques concluiu o seu Mestrado em História e Cultura das Religiões. Os nossos parabéns pela conclusão de tão importante etapa académica.

Semana da Educação Física 2010

Realizou-se de 18 a 26 de Março a Semana da Educação Física.

O campeonato inter-turmas, em várias modalidades, foi uma das actividades em destaque no programa deste evento.



Aconteceu no desporto...

Corta-Mato

Realizou-se no passado dia 8 de Janeiro o V Corta Mato do Colégio Valsassina que contou com a participação de mais de 150 alunos, sob o lema “Correr faz bem!”.

Infantis A - Torneio Lusófona Kids

Miguel Pombeiro Professor de Educação Física

No passado dia 16 de Janeiro, os alunos do Colégio que integram Equipa Infantil A de Voleibol, participaram no seu 1º torneio – Torneio Lusófona Kids, tendo para além dos excelentes resultados nos jogos, que sempre fizeram parte da história do Voleibol do Colégio, correspondido ao compromisso definido de “Nunca Desistir”.

Campeonato do Desporto Escolar 2009/2010

Infantis B

O 4º Torneio da Esc. Sec. José Gomes Ferreira (Benfica), realizou-se no dia 6 Fevereiro de 2010. Estiveram presentes 26 alunos que fazem parte da equipa de Voleibol de Infantis B Masculinos do Colégio Valsassina.

Este torneio contou com a presença de 16 equipas, tendo as formações do Colégio revelado um bom desempenho e obtido boas classificações. As nossas equipas A e B ficaram em 1º e 4º lugares respectivamente.

No passado dia 6 Março realizou-se o 5º Torneio de Voleibol, que contou com a participação da equipa de Infantis Masculinos do Colégio Valsassina, constituída por 24 alunos.

Este torneio contou com a presença das 16 equipas do Campeonato de Lisboa (divididas em 4 Divisões). As Equipas do Colégio revelaram, mais uma vez, um bom desempenho. Na 1ª divisão, a Equipa A venceu o Torneio e a equipa B ficou em 3º lugar. Na 4ª divisão, a equipa D venceu a sua série, só com vitórias, o que lhe permitiu subir de divisão. A equipa C também obteve uma boa prestação, mantendo-se na 2ª Divisão.



Vai acontecer...

Em Abril...

Viagem de finalistas do 9º ano
Sessão para funcionários sobre eficiência energética
Semana Verde
Jornadas “Contributos para uma sociedade de baixo carbono”
Saída de campo ao Parque Nacional da Peneda-Gerês
3ª Conferência do ciclo “Eu, a Ciência e a Sociedade” com Professor Doutor Sobrinho Simões (28 Abril)
Participação na 3ª edição dos Dias do Desenvolvimento (Centro de Congressos de Lisboa)

Em Maio...

Semana da Música
Semana das TIC
Comunicação sobre o Projecto «A caminho de uma Low Carbon School» no II Congresso Internacional Escolar, em Braga.
Encontro de Escolas Associadas da UNESCO
Jantar de finalistas
Almoço de antigos alunos

Em Junho...

Dia da Escola
Concerto da Primavera
Primeira Comunhão
Acção no Parque Natural Sintra-Cascais no âmbito do Projecto “1 aluno, 1 árvore, 1 compromisso”
Passeios de final de ano lectivo

Próxima edição....

“As parcerias escola-comunidade” será o tema em destaque...

